

OEIRAS EM REVISTA

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS _ DISTRIBUIÇÃO GRATUITA _ IMPRESSÃO 0,48€ _ Nº 94 _ PRIMAVERA 2009



VENHA
USUFRUIR
DA PRIMAVERA
EM OEIRAS

_ OEIRAS ELEITO
O MELHOR
CONCELHO PARA
SE TRABALHAR

_ OEIRAS CELEBRA
250 ANOS.
CONHEÇA AS INICIATIVAS
QUE PREPARÁMOS



56



44



Cara(o) Munícipe,

No exercício de funções de um decisor político, existe um significativo conjunto de momentos importantes que, genericamente, vão do conhecimento concreto dos problemas, à tomada das decisões que os permitirão resolver, da fase em que se lançam os projectos, à sua realização efectiva e final. Entre estes momentos, existe um mundo. Um mundo de questões, de dificuldades, de interrogações e, certamente, de muitas incertezas.

É nisso que penso agora. Agora que tivemos o privilégio de inaugurar a 2.ª Fase do Passeio Marítimo de Oeiras. É momento de parar um pouco e apreciar esta realização que não tenho dúvidas de apelar de fantástica, porque sei que é isso que os frequentadores deste espaço pensarão dela. Trata-se de uma obra fundamental, pela sua dificuldade de execução, pelo desafio que constituiu em termos técnicos e humanos, mas também por aquilo que representa para os munícipes de Oeiras, no seu quotidiano e no seu futuro.

Para já, porque está aí, disponível para passeios, encontros, desportos, bem-estar, descanso ou diversão e para os dias de amanhã, porque, não se tenham dúvidas, este é mais um horizonte que se rasga em termos de qualidade de vida do Concelho e no que diz respeito à nossa afirmação como um espaço diferente e diferente para melhor. Ou seja, Oeiras continua a subir para patamares de exigência e satisfação superiores. E esse, além de ser o nosso ritmo, é fundamentalmente o nosso principal objectivo.

Os frutos que recolhemos desse trabalho são óbvios e indelével. Para balizar o que acabo de dizer com factos concretos, evoco o recentemente atribuído “Prémio de Melhor Concelho para Trabalhar em Portugal”, distinção que nos foi concedida pelo “Great Place to Work Institute Portugal”. São reconhecimentos que nos enchem de orgulho, sobretudo pelo que vêm confirmar: Oeiras não pode parar. Não pode deixar de querer, de ambicionar, de arriscar e, porque não, de sonhar.

Há um sonho que se segue e chama-se Passeio Marítimo completo, de Oeiras a Algés. Estamos a trabalhar nesse sentido já e estou convencido que em cerca de 3 anos estaremos em condições de celebrar estes 10 kms de prazer e diversão que estarão à disposição de todos nós. Ninguém o merece mais que Oeiras e os oeirenses.

ISALTINO MORAIS, PRESIDENTE DA CÂMARA

“Evoco o recentemente atribuído “Prémio de Melhor Concelho para Trabalhar em Portugal”, distinção que nos foi concedida pelo ‘Great Place to Work Institute Portugal’. São reconhecimentos que nos enchem de orgulho, sobretudo pelo que vêm confirmar: Oeiras não pode parar. Não pode deixar de querer, de ambicionar, de arriscar e, porque não, de sonhar”



08



60

FICHA TÉCNICA

Director
ISALTINO MORAIS
Produção
ELISABETE BRIGADEIRO
Editora
CARLA ROCHA / CROCHA@CM-OEIRAS.PT
Textos
ANA PAULA JARDIM
ANA SANTOS
CARLA RIBEIRO
CARLA ROCHA
LUIS MARIA BAPTISTA
SÓNIA CORREIA
Fotografias
ALBÉRICO ALVES
CARMO MONTANHA
CARLOS SANTOS
LUIS MARIA BAPTISTA
Concepção Gráfica e Paginação
WHITE RABBIT - CUSTOM PUBLISHING
Propriedade
MUNICÍPIO DE OEIRAS
Impressão
SOCTIP
Tiragem
20.000 EXEMPLARES
Deposito Legal
86817/95
ISSN
1646 - 5970
Execução
GABINETE DE COMUNICAÇÃO
WWW.CM-OEIRAS.PT

04_ OEIRAS 250 ANOS

O nosso concelho faz 250 anos e estamos todos de parabéns. Vamos celebrar o passado, o presente e o futuro ao longo de todo o ano com espectáculos, exposições, festas e festivais.

08_ MUNICÍPIA

Uma empresa a ter em conta quando se fala de cartografia, fotografia digital, LIDAR, cadastro, laser terrestre, ou seja, uma empresa fundamental no que concerne a ordenamento do território e muito mais.

26_ ESPECIAL TEATRO

Armando Caldas deu 50 anos da sua vida ao teatro, Celso Cleto e Carlos d' Almeida Ribeiro para lá caminham. Quisemos saber o que os move, que gana é essa que o palco lhes provoca.

41_ 2.ª FASE DO PASSEIO MARÍTIMO CONCLUÍDA

A ligação do Passeio Marítimo entre a praia de Santo Amaro e a de Paço de Arcos está concluída. São mais 1450 metros para usufruir da proximidade entre a terra e o mar.

04_ INEVITÁVEL

08_ ENTRE NÓS

20_ OEIRAS IMAGINÁRIA

26_ ESPECIAL TEATRO

38_ PROJECTOS DA AUTARQUIA

44_ NÓS LÁ FORA

52_ INOVAÇÃO

56_ INESQUECÍVEL

60_ ARTE DO SABOR

64_ BIOGRAFICAMENTE

OEIRAS SOMOS TODOS VAMOS CELEBRAR 250 ANOS



O nosso concelho faz 250 anos e estamos todos de parabéns. Vamos celebrar o passado, o presente e o futuro ao longo de todo o ano com espectáculos, exposições, festas e festivais. Um programa intenso que vai celebrar a Oeiras multicultural, a Oeiras Pombalina, a Oeiras Inovadora e a Oeiras à Descoberta que vai reunir todos os oeirenses, envolver todas as idades e surpreender todos os gostos. Porque somos todos inspirados, marqueses, interactivos e curiosos. Porque Oeiras somos todos. Celebrar os 250 anos é celebrar com vontade, orgulho e energia e é, acima de tudo,

celebrar com o coração o passado, o presente e o futuro. Desta forma, a programação estará concentrada sobre quatro grandes paixões – Oeiras Pombalina, Oeiras Inovadora, Oeiras Multicultural e Oeiras à Descoberta -, e três dimensões: lembrar o passado – movimento fundador de 1759, onde será realçada a figura do Conde de Oeiras, a sua época e herança; Viver o presente – orgulho de ser oeirense e de partilhar o sucesso colectivo; Projectar o futuro – visão estratégica que se consubstancia em projectos estruturantes.



DIGA-NOS: DE QUE COR É A SUA PAIXÃO?

Responda a esta questão, justifique a sua resposta e habilite-se a ganhar prémios alusivos às festividades dos 250 anos. Respostas rececionadas até 31 de Maio para: crocha@cm-oeiras.pt



MITINHO

Parte integrante do MITO (A Mostra Internacional de Teatro de Oeiras - que irá decorrer entre os dias 3 a 13 de Setembro - , pretende ser um espaço de encontro cultural entre Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola e Moçambique, valorizando a língua portuguesa, através de um evento de impacto único em Portugal), o Mitinho está direccionado para o público mais jovem, apresenta uma programação diversificada que estimula o interesse pelo teatro. Através de vários espectáculos com uma forte vertente lúdica e pedagógica, pretende-se criar um ambiente propício ao convívio familiar em tempo de fim de Verão, proporcionando momentos de diversão e descoberta de outras culturas. Os espectáculos do Mitinho irão realizar-se na Fábrica da Pólvora.

_CONTACTOS
T. 214 408 300
www.cm-oeiras.pt
www.oeiras250anos.com

_ONDE
Fábrica da Pólvora de Barcarena,
Estrada das Fontainhas, Barcarena
T. 214 381 400



EXPO CELEBRAR OEIRAS

Um dos projectos mais relevantes da Oeiras Inovadora será sem dúvida a Expo Celebrar Oeiras - passado, presente e futuro, que irá estar patente ao público entre Maio e Novembro de 2009, e que procura dar a conhecer aos visitantes o desenvolvimento do município numa lógica temporal dinâmica (passado, presente e futuro) e nas suas múltiplas dimensões (história, economia, território, urbanismo, arquitectura, património, ambiente, etc.). Para além dos 4.000 m² de exposição, a Expo Celebrar Oeiras contempla também três programas de dinamização: programa de visitas guiadas, programa educativo, programa de animação.

_O QUÊ?
Expo Celebrar Oeiras

_CONTACTOS
T. 214 408 300
www.cm-oeiras.pt
www.oeiras250anos.com

_ONDE?
Várias iniciativas incluindo programa de visitas guiadas, programa educativo e programa de animação.

_QUANDO?
Entre os meses de Maio e Novembro de 2009.



Oeiras regressa ao período pombalino



DESFILE POMBALINO

Na tarde do dia 6 de Junho será realizado um Desfile Pombalino, que reconstitui a chegada do Conde de Oeiras à Vila, acompanhado do Rei e da sua corte. Com início em Paço de Arcos e terminos no Palácio do Marquês de Pombal, este desfile pretende recriar a época pombalina na diversidade dos seus personagens, no colorido dos seus trajes, na particularidade dos seus preceitos e tradições.



AMOR É FOGO FESTIVAL DA LUSOFONIA

Decorrendo no Parque dos Poetas (Estádio Municipal), nos dias 17, 18 e 19 de Julho, o objectivo deste festival passa por fazer da língua portuguesa um ponto de encontro musical entre intérpretes provenientes de vários países (Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, etc.). Um dos desafios lançado a todos os músicos por João Gil (Director Artístico do Festival) será o de comporem uma música a partir do famoso soneto de Camões Amor é Fogo.

_O QUÊ?
Festival da Lusofonia

_ONDE?
Parque dos Poetas, Estádio Municipal

_QUANDO?
No dias 17, 18 e 19 de Julho

_CONTACTOS
T. 214 408 300
www.cm-oeiras.pt
www.oeiras250anos.com



FESTIVAL OFFF 2009

O OFFF é um festival inovador, que explora as últimas tendências nas áreas da estética digital e da programação, reunindo os artistas (cerca de 200) que propõem novos caminhos em relação aos padrões de media e design, destacando-se como um ponto de encontro no panorama internacional da criação digital.

De 7 a 9 de Maio (na Fundação de Oeiras), o OFFF reúne um vasto leque de eventos especiais que acontecem em simultâneo no festival: mais de 50 conferências; performances; exposições; projecções de animação (motions graphics, microfilms, title sequences); instalações interactivas; fair market de artistas e colectivos; áreas de chill-out, sociais e de networking. O festival está dividido em 7 secções principais: Roots, Loopita, Openroom, Cinexin, Showplace, Mercadillo e Chillax.

_ONDE
Fundação de Oeiras

_QUANDO
7, 8 e 9 de Maio de 2009

_CONTACTOS
T. 214 408 300
Revista 30 dias de Maio
Site oficial do evento: www.offf.ws
www.cm-oeiras.pt
www.oeiras250anos.com



Inúmeros transeuntes a usufruírem da marginal.



MEXA-SE NA MARGINAL

Domingo, 10h00. A Marginal está diferente... Estranha-se não ouvir o barulho dos automóveis. Ouve-se o mar e o vento. A estrada está tranquila. Mais uns minutos, e novos sons começam lentamente a invadir a Marginal: são pessoas a andar a pé, a correr; campainhas de bicicletas e rolar de patins. ... começou mais um “Mexa-se na Marginal”!

Realizado pela primeira vez em 2000, o “Mexa-se na Marginal” nasceu para ser a “bandeira” do Programa de Promoção do Exercício Físico da C.M. Oeiras “Mexa-se Mais”, que este ano celebra 10 anos de existência. O seu objectivo é provar na prática a mensagem de que “ser activo é divertido e é para todos”!

O conceito é simples: encerrar a emblemática es-

trada Marginal ao trânsito automóvel nas duas zonas limite do Concelho, Algés e São Julião da Barra, e oferecer à população a oportunidade de desfrutar de forma activa o seu enquadramento único e privilegiado. Sozinhos, em família ou com amigos, da forma que quiserem, desde que não incluam motor!

Para aumentar as opções e a animação, a Câmara Municipal de Oeiras e mais de meia centena de entidades parceiras, entre clubes, associações, health clubs e outras empresas, disponibilizam ao longo de 10km múltiplas actividades que vão desde aulas de fitness, experimentação e demonstrações de modalidades, até rastreios e animações circenses.

Pelo cenário, pela diversão e pela fantástica

feita em torno da actividade física proporcionada por quase 45.000 participantes, o Mexa-se na Marginal é um evento incomparável.

No próximo dia 14 de Junho, entre as 10h00 e as 13h00, veja por si e participe. Veja a Marginal de forma diferente e única. Inevitável!

_PRÓXIMO EVENTO

Dia 14 de Junho, entre as 10h00 e as 13h00.

_HISTÓRIA

O Mexa-se começou em 2000 e desde a primeira edição, o sucesso marcou a sucessão de Mexa-se até aos dias de hoje. São 9 anos a usufruir da Marginal em pleno

OEIRAS MARCA O RITMO

No final de Maio começam as habituais festas de Oeiras. Com uma programação eclética, que vá de encontro a todos os gostos, a autarquia, convidou os melhores artistas para virem aos palcos do concelho marcar o ritmo.

É no centro da Vila de Oeiras, no Largo 5 de Outubro, que as festividades terão início com Fado. Rodrigo e Luís Góis subirão ao palco no início das festas a 31 de Maio. Mas em termos musicais, a oferta irá variar entre José Pedro Pais, Paço Bandeira, Susana Félix, Boss AC e Camané que encerrará as festas na Casa da Pesca a 19 de Junho.

Para além dos concertos, a autarquia programou um conjunto de actividades que irão desde o Expomodelismo, ao desfile das marchas populares, entre muitos outros programas, sem esquecer a imprescindível feira das festas em pleno jardim Municipal de Oeiras. E porque as festas são para si, venha entrar no ritmo connosco.



_MAIS INFORMAÇÕES

Para mais informações sobre as Festas de Oeiras ou outros temas de interesse para os oeirenses, vá a www.cm-oeiras.pt



PRIMAVERA EM OEIRAS

Tome nota de alguns dos locais que esperam por si, festejando a Primavera e deixando um sabor a Verão! Não deixe de visitar o Parque dos Poetas, 25,5 hectares de espaço verde numa homenagem a 20 poetas do século XX. Saboreie, nos Jardins do Palácio dos Marqueses de Pombal, um fim de tarde convidativo ao descanso. Aproveite os Jardins da Fábrica da Pólvora, e desfrute da combinação do melhor de todos os mundos: o museu da Pólvora Negra, um Posto de Turismo da Câmara de Oeiras, Viveiros Municipais, uma livraria, bares, um auditório ao ar livre, e muita animação.

_MAIS INFORMAÇÕES

Jardins abertos todo o ano.
Parque dos Poetas: horário de Inverno das 9h às 20h; Verão: 8h às 22h
www.guiadeoeiras.com



A sessão contou com a sabedoria e iluminação do Professor José Barata Moura

10 LUZES NUM SÉCULO ILUSTRADO

O projecto “10 Luzes num Século Ilustrado” iniciou com Immanuel Kant pela voz do Professor José Barata Moura e com a moderação da Paula Moura Pinheiro. Uma noite iluminada em que se falou do homem, do filósofo e do saber, mas em que, sobretudo, se evidenciou essa idade maior do percurso intelectual e da história das ideias humanas que foi o Século XVIII.

Seguir-se-ia, no dia 18 de Março, a segunda sessão deste projecto, para reflectir sobre Voltaire, juntamente com o Professor António Borges Coelho, um dos autores incontornáveis deste século e que figuram no painel das Luzes escolhidas para ilustrar o espírito de irreverência, contestação, audácia e desenvoltura oitocentista!

Até ao final do ano continuaremos este percurso de descoberta, trilhando caminhos, revisitando autores, lugares e pensamentos. Falaremos de Diderot e D’Alembert, Locke, Condorcet, Rousseau, Newton, Pombal, Lessing e Montesquieu... Falaremos dessa República das Letras que unia os seus membros em torno da ideia de que se viviam tempos prodigiosos, de emancipação, progresso e liberdade! Esta República das Letras não é, contudo, um lugar onde impere o consenso ou se imponha uma verdade como absoluta. É uma comunidade onde convivem, e nem sempre de forma harmoniosa, muitos pontos de vista e se preza o livre exame da razão. Este novo Humanismo refere-se, assim, à boa maneira Kantiana, ao “tribunal da razão”, a essa ratio crítica que deve atravessar todos os territórios da reflexão humana...

Queremos acima de tudo, à boa maneira deste Século Ilustrado, promover o diálogo e a reflexão, contribuindo, deste modo, para o escrutínio do pensamento e para a demanda do saber!

CONTACTOS

Biblioteca Municipal de Oeiras,
T. 214 406 336
ana.jardim@cm-oeiras.pt

Entrada Livre

PROGRAMA

Dia 22 de Abril, 21H30
Diderot e D’Alembert e o movimento enciclopedista
Olga Pombo (confirmada)

Dia 20 de Maio
Locke e o conhecimento humano
Irene Pimentel (confirmada)

Dia 17 de Junho
Condorcet e o progresso do espírito humano
Eduardo Lourenço (confirmado)

Dia 23 de Setembro
Rousseau e o contrato social
André Belo (confirmado)

Dia 21 de Outubro
Newton antes e depois
Alexandre Quintanilha (confirmado)

Dia 18 de Novembro
Pombal e a censura Iluminista
Rui Tavares (confirmado)

Dia 9 de Dezembro
Lessing e o teatro alemão
Jorge Silva Melo (a confirmar)

A BIBLIOTECA está a passar por aqui!

SABIAS QUE...

- O acesso a internet
- O empréstimo de livros, cd's, dvd's e cd-rom's
- Os cursos de formação
- A consulta de jornais e revistas
- E todas as actividades de promoção da leitura

... são gratuitas nas Bibliotecas de Oeiras?

As Bibliotecas são espaços de cultura
Janelas abertas para o mundo
Lugares onde se viveve o futuro

Pede já o teu cartão (Oeiras) a ter!

Rede de Bibliotecas de Oeiras
<http://catalogo.cm-oeiras.pt>
<http://oeiras-a-ler.blogspot.com>

Oeiras (Jovens) a ler



CONTACTOS

Biblioteca Municipal de Oeiras,
T. 214 406 336
Josefina.melo@cm-oeiras.pt
Espaços Jovens e Clube de Jovens da Outurela/Portela

A BIBLIOTECA ESTÁ A PASSAR POR AQUI!

As bibliotecas municipais saem fora de portas e vão até aos Espaços Jovens e ao Clube de Jovens da Outurela/Portela.

Trata-se de um programa de extensão bibliotecária cujo objectivo é de alargar o raio de acção das bibliotecas, fomentar a lógica de parceria entre serviços para a promoção de hábitos de leitura junto dos jovens, prosseguindo a aposta do Município no desenvolvimento das literacias.

Em cada um dos espaços será disponibilizado um recanto com uma colecção de livros seleccionados para o público-alvo, que inclui romance, biografias, BD, gramáticas e dicionários. Para uma apropriação mais descontraída e informal, os jovens podem ler sentados em puffs e serão distribuídos materiais divulgativos dos serviços prestados pelas bibliotecas.

Além de um espaço de leitura, A Biblioteca está a passar por aqui! será também um pretexto para o encontro com escritores, músicos, ilustradores e um espaço aberto à iniciativa e à criatividade dos jovens.

O projecto A Biblioteca Está a Passar por Aqui! será inaugurado no dia 15 de Abril, às 18H00, no Espaço Jovem de Carnaxide, com a presença do músico Zé Pedro dos Xutos & Pontapés, que partilhará com os jovens os livros e as leituras que fazem parte da sua vida.

Esperamos por ti!



MUNICÍPIA A EMPRESA QUE VOA SOBRE NÓS _

_ António Fernandes, Presidente do Conselho de Administração da Município, recebeu-nos no 3.º piso do edifício Ciência II, do Taguspark, naquela que é a sede da empresa.

texto por CARLA ROCHA _ fotos de CARLOS SANTOS

Com a paisagem a perder de vista para lá das longas janelas, ficámos a par do que esta empresa fez, faz e pensa fazer no futuro. Sendo uma das maiores empresas de cartografia de Portugal, parece inacreditável que apenas exista há dez anos. Talvez se entenda melhor quando percebemos quem é o homem que está ao leme.

Com uma visão estratégica empresarial e uma personalidade inquieta, este timoneiro lançou a Município além fronteiras ‘atacando’ os PALOP’s, dando cartas em Espanha e, cá dentro, transformou-a num verdadeiro caso de sucesso. Nem sempre é fácil perceber o que fazem, não obstante de trabalharem ferramentas fundamentais para o ordenamento do território, o cadastro territorial, isto sem falar das fotografias aéreas, formação e consultoria. Se existissem há mais tempo, estamos certos que muitas barbaridades, em termos de urbanismo, não seriam cometidas. Ou talvez não, porque muitas vezes os nossos governantes fazem ouvidos moucos e olhos cegos das ferramentas que o País possui. Uma empresa com o território a seus pés, literalmente!

A Município foi criada em 1999. Estão a fazer dez anos.

Pois estamos. Foi criada em Outubro de 1999.

Como surgiu a necessidade ou a mera vontade de criar uma empresa?

A necessidade surge em 1999 por minha sugestão. Eu era Director do Gabinete de Estudos da Câmara Municipal de Oeiras, e já nessa altura nós trabalhávamos nesta área. Na sequência do trabalho que desenvolvíamos houve uma série de municípios que nos solicitavam trabalho. Começamos a responder às solicitações até ao ponto em que se tornou insustentável que nós, na altura Câmara, prestássemos aquele volume de serviços a outros municípios. Então, surgiu a ideia de se constituir uma empresa que nasceu logo com 60 municípios envolvidos na estrutura do capital social. Hoje em dia são 153.

O que constitui 50% dos municípios portugueses.

Para além dos 30 municípios de Moçambique, dos 22 municípios de Cabo Verde, Governo Regional do Príncipe e Benguela. É este o capital social da Município.

E tudo começou na sequência do trabalho efectuado na Câmara Municipal de Oeiras?

Temos de ver que na altura não havia muitas empresas que efectuassem o trabalho que realizávamos. Não podemos esquecer que estão volvidos dez anos. Hoje a realidade é outra. E o motivo porque a Município apareceu foi porque os municípios perceberam a importância do que se fazia em matéria de ordenamento do território, ambiente, cadastro...

Estamos a falar de que anos?

Em 1987 já estávamos a desenvolver um projecto na área dos Sistemas de Informação Geográfica no Município de Oeiras e lançámos o projecto de Informação Geográfico em 1991.

Ou seja, nessa altura vocês estavam à frente do vosso tempo?

Sim, aquilo que fazíamos à época não havia, praticamente, nenhum município fazê-lo.

A solução foi a criação da Município que é constituída apenas por municípios e associações de municípios, certo?

Fomos, e somos, constituídos integralmente por municípios e associações de municípios, embora não tenhamos nenhuma associação de municípios que reúna todos os municípios, nem possuímos continuidade geográfica, nem política. E isto revela que temos uma lógica diferente daquilo que é mais comum nas empresas municipais.

Como fazem a abordagem aos municípios para integrarem a Município? Ou são os próprios que vos procuram?

Quando a Município arranca, eram 61 municípios que faziam parte do capital social, que foram aqueles que tiveram mais contacto com o trabalho que desenvolvemos no Gabinete de Estudos na Câmara de Oeiras. Já nessa altura, quando falo nos 61 municípios devo dizer que eram dos mais variados pontos do país e de todas as cores políticas.

Não havia, tal como não há, um padrão?

Não, não há, nunca houve. Numa segunda fase, chegámos a ser confrontados com municípios a perguntarem, porque é que aquele município é e eu não sou? Então decidimos, internamente, fazer um alargamento do capital social e convidámos todos os municípios do país a aderir. E nessa altura entraram mais 90 municípios.

O vosso trabalho parece-me fundamental em termos de ordenamento do território. Ou seja, aquilo que se passou nos anos 70’s, nos anos 80’s e mesmo 90’s, em alguns municípios, com as vossas ferramentas dificilmente se chegaria aos caos a que se chegou?

Todo o esquema de funcionamento da Município é à volta da informação geográfica e informação georreferenciada.

E o que é isso?

É tudo o que se possa imaginar que tenha representação espacial, qualquer fenómeno, seja de natureza física tal como conhecer as características do território, a morfologia, a orientação das encostas, tipologia dos solos, bem como do ponto de vista humano, social, económico, cultural ou desportivo. Em 91 a Câmara Municipal de Oeiras já tinha informação de natureza cartográfica de grande escala, de todo o território, e já conseguia fazer a caracterização do território em termos de cadastro, actividade económica, cadastro urbano, equipamentos e planos de ordenamento do território. E respondendo à sua pergunta, houve atentados urbanos que seriam evitáveis, claro.

Tudo isso me parece fundamental até para saber, nomeadamente o



TECNOLOGIA

_LASER SCANNER

Esta tecnologia consiste na captura de dados através de um scanner laser 3D, que sem contacto físico com o objecto obtém-se um modelo geometricamente exacto desse objecto. O resultado da captura dos dados, é uma nuvem de pontos que contem informação muito detalhada sobre as superfícies adquiridas. O objectivo desta tecnologia é a de apresentar um produto que pode ser aplicado a diversas áreas de actividade, nomeadamente à gestão do património, à arqueologia, à arquitectura, à monitorização de obras de arte, à engenharia civil, e outros. Através dos dados adquiridos pode-se obter medidas e cotas com precisões de 2mm, gerar modelos de triangulas para obtenção de uma superfície contínua, calcular deformações de barragens, obras de arte, etc, obter ortofotomapas, obter plantas, alçados e perfis e também produzir vídeos e realidade virtual.

_LIDAR

Um dos meios mais rápidos e precisos para obter informação geográfica, topográfica e temática da superfície terrestre é o varrimento por laser. O sistema LIDAR (light detection and ranging) é um laser de medição de distâncias que emite feixes de luz infravermelho que servirão para determinar a distância entre o sensor, instalado numa aeronave, e o terreno. Para além do rigor e uniformidade da informação, a outra grande vantagem desta metodologia reside no facto, da disponibilização e constante actualização dos dados ser bastante rápida, permitindo estudos, análises e monitorizações mais rigorosos num curto espaço de tempo.

poder político e decisório, para onde deve levar o concelho, que áreas intervir, os pontos fracos e fortes?

Claro, até porque para se tomar decisões sobre o território tem de se conhecer bem a terra que se quer trabalhar.

Ainda há municípios que não conhecem a caracterização do seu território?

Hoje essa realidade já é quase inexistente, mas quando começamos, em 1991, devo dizer que nenhum município tinha o que a Câmara de Oeiras tinha. Mas de 1991 para cá, por muito que me custe, já lá vão 18 anos (risos) e em 18 anos muita coisa aconteceu. Nós surgimos porque, mesmo em 1999 havia muita carência. E aparecemos como a primeira empresa a fazer todo o circuito produtivo integralmente em suporte digital.

Nunca trabalharam em analógico?

Não, nunca. E estava-se a dar os primeiros passos nestas tecnologias em termos internacionais. E o facto de fazermos todo o percurso sob a era digital implicou grandes dores de parto.

Mas por outro lado, quando criam a Município existia um nicho de mercado.

Sim, mas num instante apareceram uma série de empresas a fazerem concorrência. Se à época não havia mais nenhuma, hoje há umas trinta ou quarenta empresas neste sector de mercado.

António Fernandes,
presidente do Conselho
de Administração
da Municípa



Têm a necessidade de estar sempre a inovar?

Todos os dias.

E isso deve ser uma dor de cabeça, para que nunca sejam ultrapassados.

É uma grande, muito grande dor de cabeça (riso). E voltando atrás, se em 1999 não havia nenhuma empresa, nós hoje temos concorrentes tais como o Corte Inglês, bem como empresas para as quais o seu perfil não iria no sentido do que nós fazemos. E chegamos aos dias de hoje em que, para além da grande concorrência, vivemos uma crise económica sem precedentes.

Vocês sentem a crise de que forma?

Só para ter uma ideia, nos últimos seis meses não saiu um concurso em Portugal. E há pouco perguntava-me se éramos nós que íamos às câmaras ou se as câmaras é que vêm até nós, pois nós somos uma empresa que vive de acordo com as leis do mercado, não vivemos de nenhuma participação superlativa dos sócios ou seja, vivemos daquilo que somos capazes de fazer.

Têm tido resultados positivos?

Sim, temos obtido resultados positivos e temos crescido. Por nossa iniciativa há três anos constitui-se a Associação Nacional de Empresas de Cartografia, do qual sou presidente.

Ou seja, vocês reúnem uma posição de prestígio no sector?

Sem falsas modéstias, sim. E a partir de 2004 passamos a ser a maior empresa do sector no país. Somos a empresa que tem a maior capacidade produtiva em cartografia em Portugal. Somos a única empresa que faz voo no nosso país.

Os aviões são fundamentais para a nossa conversa.

São, acima de tudo, fundamentais para o nosso trabalho. Temos de ver que a base de tudo o que estamos a falar é a fotografia aérea e a partir daí



são todos os restantes subprodutos. Como dizia, somos a única empresa que faz voo e temos, de momento, dois aviões. Fizemos, no ano passado, um enorme investimento na área digital ao comprarmos a primeira câmara digital do país.

Continuando a falar do avião que adquiriram. Vocês tinham um e adquiriram um segundo, porquê? Pelo volume de negócios?

Nós tínhamos um avião que estava preparado para a câmara analógica, ao investirmos na câmara digital, necessitamos de um novo avião que possuísse características necessárias para a exploração da câmara digital e para a nossa mobilidade em termos internacionais. O avião que temos agora permite-nos alcançar maiores distâncias e mais rapidamente. E também nos permite operar mais do que um equipamento em simultâneo.

Não obstante da crise, têm sempre de inovar, de investirem?

É fundamental. Como há seis meses que não há um concurso público em

Portugal para que possamos concorrer, estamos, de momento, a operar em Espanha, e isso deve-se à nossa capacidade de investimento e actualização.

A Municípa Internacionalizou-se?

À medida que os sinais são perceptíveis e tentando antecipar o que é possível de ser antecipado, tentamos nos internacionalizar e, nesse sentido, desde 2003 que estamos a fazer trabalho em África. E continuamos a explorar esses mercados porque são mercados em expansão, são países em desenvolvimento e onde é fundamental conhecer o território para se tomar as decisões certas.

Até para se poupar dinheiro.

Sem dúvida!

Eu insisto nisso porque parece-me fundamental mostrar que o vosso

RAIO-X MUNICÍPIA

MISSÃO

A Municípa tem como missão contribuir para o prestígio e afirmação dos municípios no mercado nacional e no mercado PALOP, nas áreas da Geo-Infomação e Tecnologia, assumindo-se como a interface empresarial, dos municípios para os municípios, nas áreas da produção de Cartografia, Cadastro, Sistemas de Informação Geográfica, Internet (Municípios Digitais e e-Government), Formação, Consultoria, Fotografia Aérea, LIDAR e na elaboração de Edição de Publicações na área da sua actividade.

VISÃO

Consolidar a liderança nacional nas áreas da Fotografia Aérea, Cartografia e Cadastro, ampliar a nossa quota de mercado nas áreas das Tecnologias de Informação e SIG, sendo simultaneamente rentável e competitiva, envolvendo os seus colaboradores na procura constante da inovação e da melhoria continua.

HISTÓRIA, PRESENTE E FUTURO

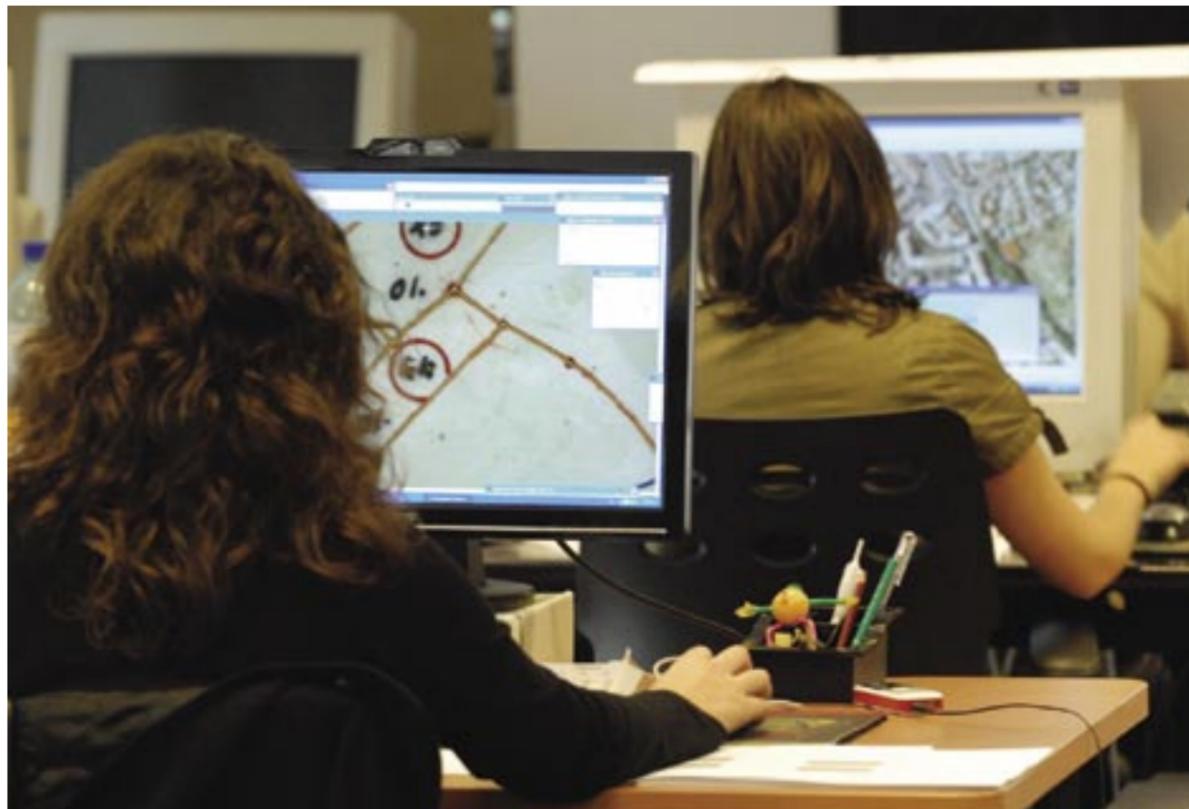
A Municípa nasceu em 1999 impulsionada pelo Município de Oeiras, e fruto da vontade de um conjunto de Municípios, em constituir uma sociedade capaz de dar resposta às suas necessidades prementes de planeamento, ordenamento do território e desenvolvimento de soluções SIG.

SEGURANÇA

MONITORIZAÇÃO E SISTEMAS DE ALERTA E AVISO PARA DESLIZAMENTOS

As chuvas intensas e concentradas desencadeiam frequentemente deslizamentos superficiais. Os deslizamentos provocam danos dos quais se destacam os cortes nas estradas, danos em habitações e vários tipos de infra-estruturas com implicações ao nível da protecção civil. A monitorização da estabilidade de vertentes e a implementação de sistemas de alerta e aviso em áreas de risco pode ser efectuada com recurso a várias técnicas nomeadamente através de dispositivos GPS ou medição laser. Os dispositivos de monitorização laser que a Municípa, E.M., S.A. dispõe permitem a monitorização e registo em tempo-real para distâncias até 1 Km garantindo precisões milimétricas e a emissão de mensagens de alerta em tempo-real para as autoridades de protecção civil.

Um dos objectivos da Município é consolidar a liderança nacional nas áreas da Fotografia Aérea, Cartografia e Cadastro



MEIOS

SISTEMA DE CÂMARA DIGITAL AEROFOTOGRAMÉTRICA

A entrega imediata de imagens digitais logo após voo e processamento, permitindo a sua introdução directa no processo de produção de cartografia, ortofotomapas e SIG é um avanço de real importância no sector.

O ruído proveniente dos processos laboratoriais é inexistente, e a utilização da tecnologia TDI (Time Delay Integration) vem eliminar qualquer possível arrastamento que pudesse ser produzido nas imagens pela velocidade do avião (FMC).

A Intergraph produziu a câmara digital DMC, com uma resolução geométrica e radiométrica ímpar, onde a qualidade de construção e a excelência dos materiais, seleccionados para assegurar a estabilidade do conjunto, foram determinantes.

O elevado padrão tecnológico do sistema é confirmado pela parceria estabelecida com a Carl Zeiss, na produção de lentes com mínima distorção e máxima resolução.

A plataforma giroestabilizada ZI onde reside, permite a compensação dos movimentos normais da aeronave e o cálculo da deriva é efectuado automaticamente pelo IMU (Sistema Inercial).

Imagens PAN, RGB e Infravermelho são adquiridas em simultâneo, com resoluções de 12 bit e tamanho 7680x13824.

trabalho ajuda a definir prioridades, delinear as estratégias certas que se traduz num retorno do investimento.

Isso, para mim, já é tão óbvio que às vezes nem entendo como pode ser do desconhecimento para alguns.

Mas voltando à vossa internacionalização. Estão virados para o mercado dos PALOP's?

Sim. Constituímos, no ano passado, uma empresa que se chama Município C.V. Estamos em fase de preparação de uma Município em Benguela e desenvolvemos contactos para tentar avançar para Moçambique. E isto é mais complicado porque o Estado não ajuda, em nada, nesta política de expansão.

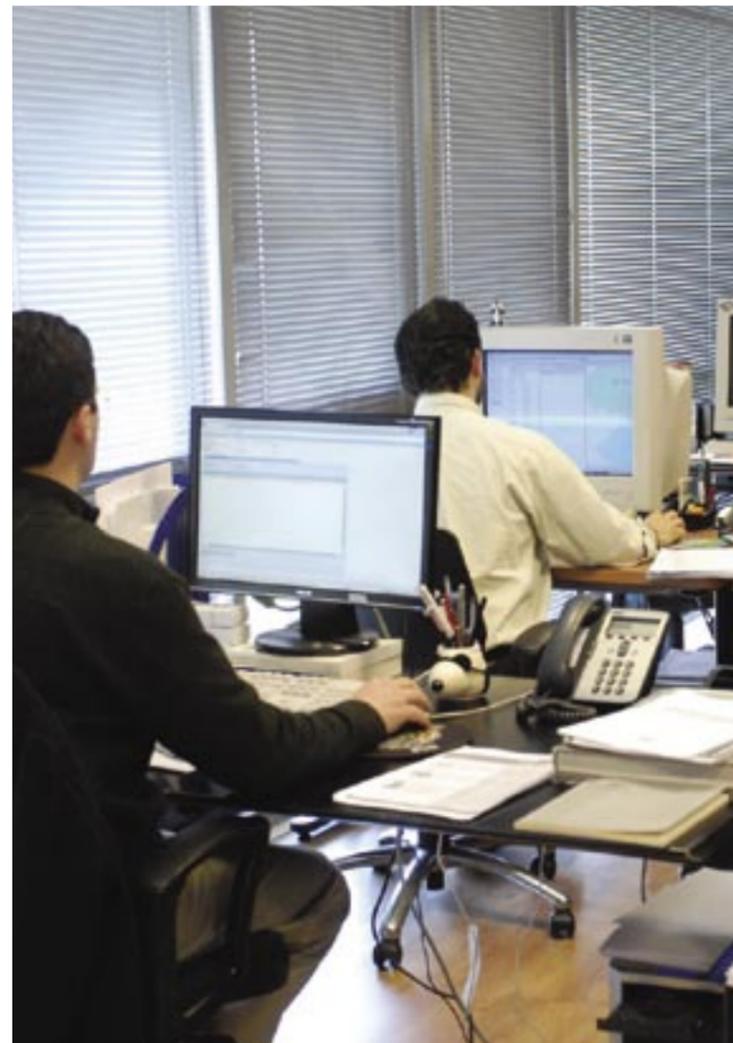
O facto de estarem a fazer trabalho para Espanha é sinal de que são reconhecidos?

È sinal de que temos capacidade técnica, de que somos competitivos e de que temos qualidade.

Deixe-me recapitular, num ano de crise vocês vêm-se obrigados a investir e investir grandemente porque um avião e a câmara digital são algo de elevado mote.

Só para que tenha uma ideia, investimos um milhão e cem mil euros no ano de 2008 em tecnologia para nos mantermos activos e competitivos. E já que estamos a falar em investimentos, de meados do ano transacto para cá fizemos algumas adaptações, em alguns casos radicais, daquilo que são os produtos tradicionais da Município. Mantemos aquilo que é a estrutura básica, que é a fotografia aérea, a produção cartográfica mas adicionamos alguns dados inovadores relativamente às nossas ofertas.

A Município realiza a monitorização constante da estabilidade de vertentes e a implementação de sistemas de alerta e aviso em áreas de risco



Faz o mesmo que o LIDAR faz sob o território só que no caso do laser faz no chão. Ou seja, se quisermos fazer o levantamento de uma casa, uma barragem, ou o que quer que seja, o laser faz o varrimento tridimensional de todas as superfícies e a partir daí temos o modelo tridimensional real onde podemos constituir cartografia de fachada ou o que for necessário.

E o LIDAR?

Um dos meios mais rápidos e precisos para obter informação geográfica, topográfica e temática da superfície terrestre é o varrimento por laser, e o sistema LIDAR é um laser de medição de distâncias que emite feixes de luz infravermelho que servirão para determinar a distância entre o sensor instalado numa aeronave e o terreno . O modelo produzido representa o modelo do terreno com um elevado grau de rigor.

E é importante para que actividade da nossa sociedade?

Na protecção civil como avaliação de riscos em termos de sismologia, riscos de cheias e análise de deslocação de vertentes, em aplicações florestais sem esquecer o planeamento estratégico, conhecimento e intervenção no território.

Estou a ouvi-lo e facilmente percebo que esta é uma área de grande mutação tecnológica.

Todos nós somos obrigados a estar actualizados, todos nós. E isso é o que tem feito com que a Município seja competitiva e tenha produtos que vão de encontro aos pedidos que recebemos. Não é possível encontrarmos uma solução e pensarmos que é para o resto da vida. Isso, nesta área, pelo menos, não é de todo possível.

Tais como?

Temos uma solução para gestão de frotas. Estabelecemos um acordo com a Cartrack que nos permite comercializar um produto para Gestão de Frotas com descontos significativos. Esta problemática do Carjacking obriga a repensar o mercado e como tal negociamos uma representação exclusiva de um produto que tem o custo de 17,60 euros/mês por carro e sem qualquer custo adicional.

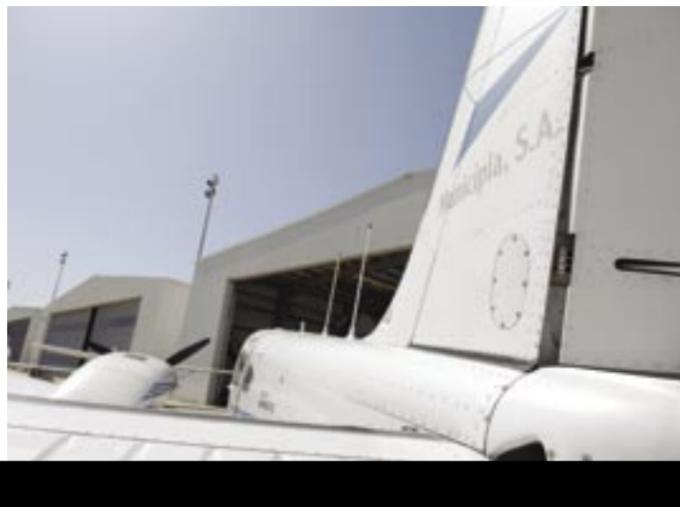
E como é que funciona?

Este material permite que se tenha acesso à posição em tempo real de todos os veículos, bem como à possibilidade de extracção de relatórios de quilómetros, viagens e percursos. E não precisa de ter nenhum servidor especial, bastando um qualquer computador com acesso à Internet.

A Município opera nas áreas da fotografia aérea tanto analógica como digital, cartografia, cadastro, sistemas de informação, consultoria e formação.

Hierarquicamente fazemos fotografia aérea, LIDAR, cartografia, cadastro, na área do 3D fazemos laser terrestre...

Deixe-me interrompê-lo, o que faz o laser terrestre?



MEIOS

_PIPER SENECA II

O Piper Seneca II turbo-charged permite um tecto de operação de 25.000 ft (7620 m), uma autonomia média de 4h30 e uma velocidade média de cruzeiro na ordem dos 150 knots (280 km/h), com certificado de aeronavegabilidade aprovado pelo Instituto Nacional de Aviação Civil (INAC) para fotografia aérea.

Está equipado com dispositivos de degelo para operação em condições adversas, sistema de oxigénio interno e aviónica redundante.

_CESSNA 402B

O Cessna 402 é um avião turbo-charged, que permite um tecto de operação de 27.000 ft (8230 m), uma autonomia média de 6h00 e uma velocidade média de cruzeiro na ordem dos 160 knots (300 km/h), com certificado de aeronavegabilidade aprovado para fotografia aérea.

Está equipado com duas aberturas para instalação de dois sensores combinados (duas câmaras ou câmara e LIDAR), permitindo otimizar o tempo de voo com a aquisição de distintos produtos.

Em termos de aviónica dispõe de equipamentos redundantes, destacando-se o sistema GNS430 que integra um sistema de navegação e comunicação, assegurando a melhor rentabilização dos tempos de voo.



É por isso que tem uma equipa tão jovem?

Somos uma empresa com uma estrutura etária bastante baixa. Neste momento somos 45 pessoas. Todos estes jovens que estão aqui a trabalhar já foram mais jovens (risos).

Mas isso acontece a todos nós!

Pois é, pois é, mas isto para lhe dizer que 85% das pessoas que aqui estão já estavam no início da Município.

Falemos da formação.

Antes da formação deixe-me dizer-lhe uma coisa que é muito importante, a Município para além de ser uma empresa certificada pela norma ISO 9001:2000 é a única empresa do país que tem a totalidade dos alvarás para a produção nesta área da cartografia. Em termos de formação somos certificados pela DGER T, quer a empresa quer os formadores.

E as publicações que vocês editam?

Isso é complementar à nossa actividade. Nós produzimos muita infor-

mação geográfica, organização de base de dados, desenvolvimento de aplicações para exploração dessa base de dados, e surge sempre a necessidade de fazer coisas em papel.

Fazem basicamente ATLAS?

Fazemos ATLAS, roteiros e pouco mais.

Tenho aqui em mãos este livro de fotografia área da Madeira e repescando o mapa dos vossos parceiros que vocês têm no vosso sítio, não me lembro de terem a Madeira como sócia?

E não é. A Município tem, na sua estrutura de facturação, uma enorme independência relativamente aos sócios. A generalidade de projectos que a Município faz resulta de ganhar concursos públicos. Não temos, relativamente aos municípios que são sócios, nenhuma relação privilegiada relativamente às outras empresas concorrentes.

Então de que serve ser sócio?

Pois... até porque a ideia de ser sócio era ter uma estrutura preferencial, mas não funciona assim.

Deixe-me ver se entendi, por exemplo, a Câmara de Oeiras lança um concurso público e vocês concorrem em pé de igualdade com outras empresas não obstante de a Câmara de Oeiras ser vossa parceira? Exacto.

Mas porque é que é assim?

Porque juridicamente não é possível de outra forma. De qualquer das maneiras, a Município desde Janeiro de 2009, de acordo com a imposição legal, passou a ser Município E.M.S.A. o que poderá querer dizer que, de acordo com algumas interpretações jurídicas, os municípios que são sócios poderão, eventualmente, ter uma forma mais facilitada de contratação directa. Até agora isso não produziu nenhum efeito.

Quais as vossas maiores dificuldades?

Neste momento, sem dúvida, que é a crise económica que se faz sentir a todos os níveis.

E o futuro?

O futuro, neste momento, é muito incerto. De qualquer das maneiras, as apostas que temos vindo a fazer, quer do ponto de vista tecnológico, quer do ponto de vista do posicionamento de mercados é estar update com a tecnologia da nossa área, apostar em soluções open sourcing e do ponto de vista dos mercados, apostar na internacionalização. Do ponto de vista nacional, temos tido um papel importante na discussão daquilo que é o desenvolvimento dos projectos estruturantes neste sector, como seja o projecto do cadastro nacional. Recentemente, tivemos a informação por parte do Secretário de Estado desta área que esta questão do cadastro estaria resolvida para ser lançada e anunciada nestas primeiras semanas de Março e nós aguardamos, in extremis, que isso aconteça. O Prof. Augusto Mateus fez um estudo sobre o cadastro nacional para que o governo perceba a viabilidade deste projecto [SiNERGIC – Sistema Nacional de Exploração e Gestão de Informação Cadastral] e esse estudo aponta um rendimento de cada euro investido na ordem dos três a quatro euros de retorno, e eu diria que melhor do que isto só... sei lá... De qualquer maneira ainda não aconteceu nada.

Esse projecto teria reflexos em toda a sociedade?

Imagine, se o Governo lançasse este projecto iria permitir criar uns cinco mil postos de trabalho. É um projecto transversal à sociedade, permitiria empregar pessoas com as mais diversas formações e não se percebe o motivo de não ser realizado. Mas temos indicação que o Governo vai lançar este projecto. Aguardamos. Se não houver projectos grandes lançados pelo governo ou autarquias, muitas empresas desta área terão grandes dificuldades em chegar ao fim deste ano.

Nomeadamente a Município?

Esperemos que não. Somos uma empresa que apostou na diversidade de oferta e isso pode ser a nossa bóia de salvação, porque se não trabalhamos numa área, trabalhamos em outra. Estou convencido e crente que teremos um futuro mais risonho do que aquele que atravessamos agora.

Parece-me muito bem finalizarmos a nossa conversa com um voto de fé e esperança no futuro.

Sou um optimista por natureza (risos).

– Venha conhecer a poesia, escultura e paisagem do Parque dos Poetas. Aproveite a estação da Primavera em sintonia com a natureza.

PARQUE DOS POETAS

“Este parque público abre-se como uma paisagem por onde viajo com o meu corpo, corpo em movimento, que marcha e regista sinais e segredos, com a colaboração de todos os sentidos, ainda que polarizados, num primeiro momento, na visão, num olhar que tudo quer ver com olhos límpidos, sem o recurso ao olhar dos outros, mesmo que se trate de livros. Olhar que escuta, toca, cheira, saboreia, absorvendo os ruídos do vento e os do próprio pisar da terra e da pedra, o grito das crianças que brincam, o murmúrios dos passeantes, a música de Bach que se ouve, neste momento, emergindo por detrás do anfiteatro, enfim, o barulho da água da Fonte Cibernética”.

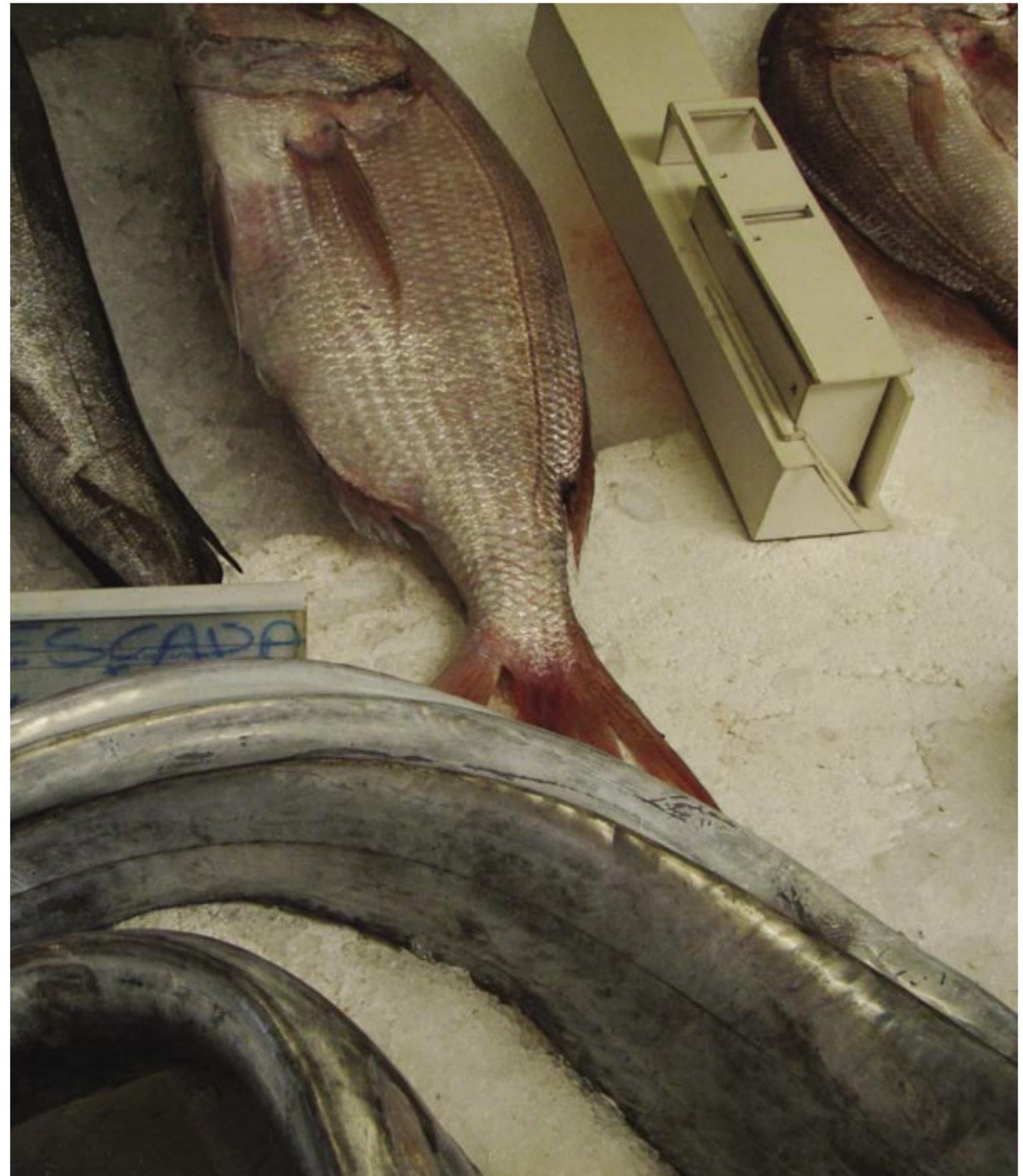
Isabel Matos Dias Caldeira Cabral, no livro «Parque dos Poetas – poesia, escultura e paisagem» de Francisco Simões. Edição Câmara Municipal de Oeiras. Disponível na Loja de Informação e Divulgação da CMO no centro comercial Oeiras Parque.

Agradecimentos:
Ao Sr. Manuel Chaves, que me
acompanhou e apresentou a
alguns dos vendedores. Ao Guarda
Artur Nunes, à Sra. Célia Viçosa, à
Peixeira Conceição Cerqueira, ao
Stéfano, às Vendedoras Manuela
Rocha e Anabela Nunes, ao Sr. Vitor
Nunes, ao Sr. Carlos da Silva Fidalgo
e ao Sr. António Silva. A todos os
Vendedores do Mercado Municipal
de Algés, muito obrigado.

MERCADORES DE ESPAÇO

_ Arquitectura e alimentação no Mercado
Municipal de Algés

texto e fotos por LUIS MARIA RODRIGUES BAPTISTA



_ Todas as sextas feiras de manhã, fizesse chuva ou sol, as mulheres da minha aldeia, vestiam a melhor roupa que tinham, geralmente a de ir à missa, e esperavam de cestas no braço, no largo da igreja pela camioneta da fruta, que as ia transportar ao mercado, à praça como era usual dizer, da vila mais próxima.

A pesar da distância não ser grande, cerca de 7 km, a viagem durava cerca de 40 minutos pois havia ainda outra breve paragem noutra aldeia que ficava em caminho.

A memória infantil que guardo da camioneta da fruta é a de um espaço metálico, amarelo por fora e escuro por dentro, repleto de pequenas amolgadelas e furos nas suas paredes atravessados por intensos raios de luz, que iluminavam e cegavam balouçadamente o rosto das mulheres e crianças que seguiam lá dentro, nos dias solharentos. Lembro-me das mulheres a subirem e a descerem por uma estreita e pesada escada de madeira, que o condutor agilmente encostava à parte de trás da carroçaria da camioneta. Lembro-me do medo de escorregar ou da confiança do hábito de quem se aventurava nos seus degraus.

Metade da carroçaria aberta era ocupada por uma caixa metálica de porta aberta, pintada de amarelo por fora e de ar zincado por dentro, enegrecido pelo tempo, com bancos corridos de tábuas de madeira polida pelo uso, dispostos em U no seu interior. Aí a atmosfera era de penumbra, no entanto bastante animada. As mulheres à ida falavam de tudo o que lhes vinha à cabeça. Falavam da vida, do bom ou mau tempo que fazia, das lidas domésticas, do estado do corpo (da saúde e das dores), do marido, dos filhos, das flores da capela, do padre, do gado (do leite e dos queijos), da criação (coelhos e galinhas), das novidades (frutas e legumes da horta), da vida alheia (amigos e vizinhos) e da “Gabriela” que se via à noite na taberna. Falavam dos acontecimentos da semana passada de uma forma geral. À vinda falavam daquilo que tinham comprado / trocado e queixavam-se do quanto estava cara a vida. Para qualquer um dos lados o burburinho era sempre intenso.

Lá fora, na outra metade da carroçaria iam as cestas e os cestos de verga que algumas mulheres de rodilha na cabeça, levavam repletas de frutas e legumes, para vender na praça e que à vinda traziam repletas de mercearia. Lá fora iam também os homens que já não tinham lu-

gar ao lado do condutor, que não se misturavam nessas conversas de mulheres. As crianças que de vez em quando tinham a sorte de ir à vila, para comprar roupa nova ou ir ao médico, iam sempre sentadas ao lado da mãe, bem comportadas por causa dos benefícios que daí podiam advir na sua efémera passagem pela vila.

No regresso os rapazes tentavam persistentemente escapulir-se de junto das mães, lá para fora, para o pé dos pais. Vir em pé a sentir o ar na cara, era a grande conquista dessa ida à vila. As outras crianças que não tinham faltado à escola, à hora de almoço, saltavam do grande muro do lavadouro da fonte onde brincavam e corriam atrás da camioneta quando esta passava, para ajudarem as mães, ansiosos pelos mimos / guloseimas que lhes traziam. Mais tarde ouviam as peripécias e as aventuras da viagem à vila e ao mercado dos amigos felizardos que lá tinham ido.

Cresci a assistir a este ritual semanal, até que um dia me dei conta que a camioneta da fruta tinha deixado de aparecer no largo da aldeia, que as mulheres iam cada vez menos à praça e aquelas que continuavam a ir, iam com os maridos nas motas e nos carros que começaram a aparecer e a transformar a vida da aldeia. A mercearia da aldeia e a praça da vila rapidamente foram substituídas pelo supermercado e pelo hipermercado; pelo individualismo colectivo.

Tinha desaparecido aquele grande espaço comunitário em movimento, essa caixa mágica do tempo por/tá(c)til, repleta de amolgadelas, de raios de sol e de burburinhos, que tinha marcado as sextas-feiras da minha infância e que transportava as pessoas a espaços como este onde eu acabava de entrar: O Mercado de Algés. Envolto nestes pensamentos e de maquete de um antigo primeiro projecto na mão, aventurei-me mercado dentro, deixando-me levar por uma estranha sensação de absurdo real que me permitiu pensar, que não era tão absurdo como isso, se o conseguia imaginar através das ligações criativas ficcionais que me permitia fazer, que talvez um dia num espaço como este, qualquer pessoa pudesse comprar / aceder a projectos / maquetes / espaços de arquitectura com a

mesma qualidade essencial que os produtos alimentares aqui comercializados. No meio da fruta, dos legumes, da carne e do peixe, encontrar projectos / espaços arquitectónicos com a mesma frescura, simplicidade e naturalidade (conceptual) dos bens de primeira necessidade aqui trocados, pareceu-me um belo devaneio.

Arquitectura e Alimentação afigurou-se-me uma combinação perfeita. Em comum, o facto de serem indispensáveis à manutenção do corpo humano e muitas vezes esquecidos apesar de diariamente usufruirmos da sua existência. Mercadores de Espaço, Vendedores de Projectos e de Maquetes de Arquitectura qualificada feita à medida de cada ser humano e do sítio onde se quer instalar apareceram-me como profissões imaginárias tradicionais do futuro, embora elas já existam com um outro sentido bem perjurativo no espaço da realidade e que à semelhança do que vai acontecendo com estes espaços de mercado com perigos equivalentes, colocam em risco a profissão do mercador e do arquitecto no seu sentido mais essencial e tradicional.

Voltemos a imaginar. Pratiquemos este devaneio. De maquete em riste atrevi-me a pedir aos vendedores que me deixassem testar a ligação física, entre a maquete de um antigo primeiro projecto de arquitectura e os alimentos que estavam a oferecer. Queria efectivar/tornar possível essa ligação e aferir a sua probabilidade. A disponibilidade e cumplicidade dos mercadores/vendedores contactados foi total. O devaneio concretiza-se. Uma maquete de arquitectura aparece no meio do belo peixe fresco da Peixeira Conceição Cerqueira, das coloridas frutas e verduras das Vendedoras Anabela Nunes e Manuela Rocha e ao lado dos enchidos do talho do Sr. Carlos Fidalgo e do Sr. António Silva, enquanto o sentido de realidade de quem por ali trabalha fala com saudade dos tempos passados, da banca que herdou dos pais, dos clientes perdidos, das dificuldades actualmente sentidas, da concorrência desleal por parte das grandes superfícies comerciais, das aspirações de melhoria das condições de trabalho do ponto de vista do espaço do mercado e dos serviços e da ne-



cessidade de criação de estratégias comerciais e culturais para atrair de novo as pessoas a este espaço, que sentem esquecido. Onde a clientela frequente já passa dos 60 anos de idade. Só aos sábados sentem o rejuvenescimento da clientela e a esperança de futuro, desabafam.

A peixeira Conceição Cerqueira, no topo poente do mercado, refere a necessidade de um espaço de apoio para a balança e para a caixa registadora, de um novo pavimento e da presença de uma caixa de multibanco no interior do mercado, cuja inexistência faz muitas vezes com que os clientes saiam e já não regressem. No topo diagonalmente oposto, no talho do Sr. Carlos Fidalgo e do Sr. António Silva ouço falar da vida que o mercado já teve, do espectáculo dantesco que era o matadouro de galinhas, mortas e depenadas na hora, do cheiro e das penas que chegavam aos joelhos, naquela que é agora a sala de armazenagem do talho. Falam também em tom de brincadeira dos espaços subterrâneos desconhecidos que existem no mercado. Enquanto isso vou fotografando a maquete pendurada no meio dos enchidos. Aí ouço ainda conversarem com outro comerciante, julgo que o



Sr. Abílio, sobre a abertura das portas dos talhos para o exterior a meio da década de 60. Evocam a memória e relacionam factos da história do mercado com acontecimentos e pessoas de época para recordarem datas, de alterações ocorridas na estrutura de funcionamento do mercado. Só à saída finalmente reparo na presença física do mercado no exterior, nos traços de uma arquitectura de Estado Novo, na sua aparência de grande casa de planta quadrada, que se impõe na malha urbana da baixa de Algés. Só à saída reparo que não prestei suficiente atenção às qualidades e pormenores arquitectónicos, à organização espacial do mercado. Tinha andado entretido com a maquete e com as pessoas, a pressenti-las. Puxo pela Memória. Lembro-me da grande nave central, alta e zenitalmente iluminada, orientada no sentido nascente-poente, das cores e dos brilhos das bancas corridas de fruta e de legumes frescos, das bancas de peixe fresco do lado norte do mercado, bem como dos seus respectivos espaços e serviço de apoio. Lembro-me das caras dos trabalhadores, dos vendedores e dos clientes. Lembro-me da rua de talhos do lado sul e dos seus letreiros luminosos com o nome dos animais com fundo branco e letras vermelhas e azuis, como no caso do “Talho

n.º1”, no topo poente-sul do mercado. Consciençializo que todo o espaço do mercado é envolvido por um espesso muro habitado, de transição entre o interior e o exterior, ocupado pelos espaços-loja dos talhos, pela peixaria de congelados e por todos os outros serviços de apoio ao funcionamento do mercado. Consciençializo que qualquer um dos lados tem acesso central às ruas adjacentes. Que tem quatro portas de entrada que o organizam o espaço em cruz. À saída questiono ainda qual a entrada principal do mercado, se a entrada do lado poente, na Rua Luís de Camões, se a do lado nascente, na Rua Dro Manuel de Arriaga. Essa questão dá origem a discussão entre os últimos vendedores com quem me cruzo. Do ponto de vista arquitectónico ambas têm a mesma importância, a única diferença está nos serviços que acolhem e na relação urbana e comercial que estabelecem com a cidade. No entanto fica assente que a entrada principal é a do lado nascente, embora do ponto de vista da relação com a cidade e o público a do lado poente seja mais utilizada. Parto finalmente dali, mas não sem antes olhar de soslaio da esquina da Rua General Humberto Delgado e da Rua Luis de Camões, para



o mercado e para as suas relações de entrada. Acabo por circundá-lo enquanto me lembro dos dois magníficos painéis de azulejos da Fábrica de Sta ANNA, de 1951, no seu interior, sobre as duas entradas principais, que atraem inevitavelmente a atenção de quem entra naquele espaço, que homenageia e ilustra de modo tão português as profissões tradicionais ali representadas e que são a referência temporal da data de construção do mercado. Enquanto caminho, imagino como seria a velha banca de brinquedos feitos de latas de conserva,

outrora existente no topo poente do mercado, no lugar da actual padaria e vejo-me dentro da velha camioneta da fruta, que ia à minha aldeia à sexta-feira buscar as pessoas para o mercado. Estou dentro da caixa metálica amarela repleta de furos e amolgadelas com um desses brinquedos de lata nas mãos, a tremeluzir e a transformar-se intermitentemente na maquete branca do antigo primeiro projecto que transporto comigo, por causa do raio de luz, que me acende a cara e apaga as mãos alternadamente, ao ritmo dos solavancos do devaneio, da memória e da camioneta.

_ ARMANDO CALDAS |

CELSO CLETO |

CARLOS D'ALMEIDA RIBEIRO |



3

FIGURAS ENTREVISTAS

texto por CARLA ROCHA _ fotos de CARMO MONTANHA e CARLOS SANTOS

_ A Oeiras em Revista serviu de palco para receber três encenadores e directores artísticos que, em Oeiras, mostram o que de melhor sabem fazer em termos de teatro. Distintos e apaixonados pela mesma arte, acederam a contar os seus projectos. O Armando Caldas aceitou a fazer um balanço de 40 anos do Intervalo grupo de Teatro e meio século de vida dedicada a esta arte; o Celso Cleto mostrou-se incansável na sua ânsia de criar o Centro de Artes Dramáticas em Oeiras e o Carlos d'Almeida Ribeiro explica como pretende continuar a fazer soltar o riso.

ARMANDO CALDAS, A ALMA DANADA DO TEATRO

Para que não haja mal entendidos digo, desde já, que sou fã incondicional do Armando Caldas. Este meu gosto não me tolda o espírito crítico, apenas acentua a vontade que tenho de conhecer sempre mais e mais a este alentejano nascido em Elvas, mas Oeirense de paixão, criado pelos lados do Dafundo. No teatro, começou por fazer de galã tímido, mas a timidez na representação desanuviou-se logo nos primeiros papéis e açambarcou o Teatro com tal vigor que hoje, depois de meio século a dar-se a esta arte, embora se confesse cansado, ainda não é o suficiente para o abandonar. Este encenador, dramaturgista e actor, é a alma do grupo de Teatro Intervalo que com uma gestão milagrosa, leva a cena 4 a 5 peças por ano. Esgotado, caminha sempre com o mesmo amor a esta arte que o consome, mas que nos delicia. A alma danada do Intervalo Grupo de Teatro, o homem incontido, o actor tímido, o encenador audaz deu-nos uma retrospectiva do que foram estes últimos 40 anos do Intervalo, mais os 50 dedicados ao teatro e mais uma vida repleta de grandes preocupações sociais e políticas. Um homem atento e apaixonante. Senão, vejamos.

Vi a peça ‘24 horas na vida de uma mulher’ de Stefan Zweig, uma outra peça de Dário Fó, que foi Nobel da literatura e sei que procura sempre textos densos. Como escolhe os textos em detrimento de outros?
Eu procuro, acima de tudo, representar textos que tenham algo a ver com a sociedade onde estamos inseridos. A minha preocupação em termos de reportório naquilo que entendo por uma companhia de teatro, tem a ver com a filosofia que esteve na origem desta companhia de teatro.

E qual a filosofia para si?

Para mim o teatro tem uma razão fundamentalmente cultural, social, política e histórica.

E educativa, não?

Pedagógica também. Por isso, temos a preocupação de representar os grandes clássicos mundiais. O primeiro texto com que começamos a nossa actividade teatral foi a ‘Antígone’ de Jean Anouilh e continuamos a apresentar sempre textos que tenham a ver com a humanidade. E não nos preocupamos que as interpretações sejam feitas por pessoas que sejam célebres por fazerem telenovelas, porque tudo isso, Carla, tem o seu quê de efémero. A nossa preocupação é uma preocupação de servir o teatro e a comunidade onde estamos inseridos. Nós não procuramos propriamente textos adequados a determinados actores e atrizes.

Mas esse é um caminho mais difícil.

Tentamos mantermo-nos fiéis à nossa filosofia, ao nosso pensamento.

Isso é de louvar

Não sei se lhe chamaria louvar.

Pois, às vezes será mais loucura é o caminho mais difícil.

Para nós, fundamentalmente, o que nos interessa é apresentarmos autores que tenham a ver com as preocupações e a vida das pessoas. Quando fazemos Shakespeare, o Stefan Zweig, o Lorca, o Sartre, o Eça de Queiroz, o Woody Allen, o Beckett, o Dário Fo, o Marivaux (fecha os olhos e respira fundo, como que a preparar-se para falar de Marivaux)... Do Marivaux fizemos ‘A ilha dos Escravos’, um clássico que está sempre em cena em Paris, porque para além de ser um exercício de actores sobre o romantismo, é também uma testemunha privilegiada do chamado século das luzes, ou o iluminismo.

O Século XVIII.

O Marivaux foi um precursor da Revolução Francesa defendendo a emancipação da mulher. Ele imaginou uma sociedade, o mais possível, igualitária. Claro que fazer um Marivaux tem um certo significado, tal como todos os outros a que me referi. E não serão textos fáceis, mas os textos fáceis dá direito à comodidade, dá direito à não-ginástica mental. Porque o teatro se tem de ser mais pedagógico, deve obrigar a pensar, a reflectir.

Mas como atrás falávamos, esse é um caminho mais complexo.

Pois é, mas não é pelo facto de não ser o caminho mais fácil que nos devamos deter.

Mas ao trabalharem o Woody Allen, por exemplo, também trabalham o lado mais cómico da sociedade e, provavelmente, mais apelativo.

Sim, mas atenção que o Woody Allen não é um autor vazio.

Pois não, nem foi isso que quis dizer, apenas que se lê, ou neste caso, pode-se ver mais facilmente do que um Dário Fo, por exemplo.

A comédia pode fazer chegar o teatro mais longe, aceite e eu tenho consciência disso. Esta peça que temos em cena, O Amansar da fera, de Shakespeare, é uma comédia, mas reflecte a sociedade, e mais curioso, é muito actual. Ele retrata muito bem o ciúme.

E enquanto houver amor, haverá ciúme.

Exacto, como tal, é actual. Quando ouvimos que um determinado homem vilipendiou sua mulher por ciúmes, arrancou à sua dignidade, isto quer dizer o quê? Que Shakespeare é actual. E não podemos esquecer que o teatro também tem uma função recreativa.

Voltando ao início, escolhe os textos que digam algo, que não sejam ocos, mas até nessa escolha tem de haver um critério, como os escolhe dentro dos densos, aquele que quer levar à cena? Quais os critérios?

Escolho mediante a minha sensibilidade e a minha formação enquanto cidadão, e também pela escola que tive, que tinha um certo culto pelo teatro de qualidade.



O Armando Caldas quando fazia de galã tímido (à esquerda) e a dirigir (à direita).

Vamos à sua formação, voltemos atrás. Trabalhava numa fábrica de Fermentos e como é que se deu a sua ligação ao teatro?

Paralelamente a ser empregado na fábrica portuguesa de fermentos holandeses, na Cruz-Quebrada era nadador do Sport Algés e Dafundo onde também andava lá um nadador, o Sergio Martins que tinha um tio João Sarabando que era director de um grupo amador de teatro chamado Teatro d’Ensaio. O João andava à procura de um jovem actor que pudesse fazer de Péricles personagem de uma peça de Joracy Camargo chamada ‘Deus lhe pague’. Eu predispus-me a fazer a experiencia e lá fui.

E assim começou a sua ligação ao teatro até aos dias de hoje?

Sim, foi assim e até aos dias de hoje.

Que idade tinha?

Uns 16 anos, um jovem portanto (risos).

Esteve na formação do primeiro grupo de teatro independente que houve em Portugal?

Sim, estive na formação do Teatro Moderno Lisboa que foi uma grande pedrada no charco.

Vocês fizeram uma grande exposição aqui, no Intervalo sobre esses tempos.

Trouxemos a exposição para aqui quando estreamos o Tinteiro, que foi a peça que lançou o Teatro Moderno Lisboa. Teve um ano em cena e teve um êxito espectacular.

Depois do Teatro Moderno vem o 1.º Acto, em Algés.

O 1o Acto que foi um clube de teatro que foi fundado em Algés onde é agora o Amélia Rey Colaço. O 1oActo teve muita actividade porque, paralela-

mente ao teatro fazíamos muitas sessões de canto livre. Algumas vezes foi lá cantar o Adriano Correia de Oliveira, o Zeca, a Natália Correia...

Ou seja, tinha conotações políticas?

O 1.º Acto a partir de 1969 foi um bastião da resistência ao fascismo em termos culturais e políticos.

E nunca tiveram problemas com a polícia política?

Claro que sim. Quantas vezes foi lá a PIDE?! Curiosamente, o chefe da polícia de Algés, que já faleceu, tinha conhecimento quando éramos visitados pela PIDE.

E avisava-os?

Não, não, apenas insinuava que íamos ‘ser cumprimentados’, como ele dizia (risos). E nós já sabíamos o que queria dizer com isso.

Era um amigo.

Sim, ele era um homem forte e embora tivesse um ar buçal, não era nada buçal. Era um homem terno, amoroso e humano. E tinha esse cuidado. Só quando ele não tinha conhecimento é que, naturalmente, não podia avisar.

E como passou do 1.º Acto para o grupo Intervalo?

Na altura do 25 de Abril eu já estava implicado politicamente no Partido Comunista Português do qual, ainda hoje faço parte.

Não é segredo para ninguém.

Pois não e aproveito para dizer o seguinte, o Presidente da Câmara de Oeiras sabendo aquilo que eu sou dá-me todo o apoio material, acompanha os meus espectáculos, incentiva-me a fazer espectáculos e nunca me pôs quaisquer condições para eu deixar de ser aquilo que sou em termos ideológicos.



Armando Caldas, um homem reflectido e preocupado com a sociedade em que se insere

A isso chama-se respeito pelo outro.

Claro, mas olhe que não há muitos. Nunca me limitou na minha liberdade e na minha criatividade, nunca.

Voltando à nossa conversa, ia explicar como passou do 1.º Acto para o Intervalo.

Quando se dá o 25 de Abril quis viver com exaltação esse dia tão importante da história de Portugal e enveredei pela minha parte de militante e andei a dizer poemas em vários sítios de Portugal com o meu amigo Carlos Paredes. Tive, inclusive um programa com o Carlos Paredes que se chamava ‘Poesia de Resistência em Portugal’, entre outros.

E depois de viver o 25 de Abril?

Depois do 25 de Novembro, uma certa poeira acalmou e o 1.º Acto foi invadido por vários partidos políticos desde o MRPP até certas facções do Partido Socialista. E depois da poeira ter aquietado senti que era necessário voltar ao Teatro e tentei retomar a minha actividade no 1.º Acto mas não me foi permitido porque as pessoas que lá estavam diziam que eu não tinha o perfil necessário. Essa foi a expressão usada, não tinha perfil.

E isso deve de o ter magoado imenso, até porque era um dos fundadores?

Nem imagina. Custou, mas eu estava decidido a continuar a fazer teatro. Nessa altura era vereador da Cultura o Prof. Noronha Feio que era frequentador do 1.º Acto em tempos passados. ERA um homem muito interessante. E ele era vereador da Cultura e disse-me para eu ir fazer teatro para o Palácio Anjos.

E foi?

Fui claro, e a primeira peça que fiz foi ‘O Noivado do Dafundo’, de Garrett. Depois o palácio Anjos entrou em obras e passamos para o Palácio Ribamar. Mas este estava muito degradado, imagine que chovia lá dentro e fizemos alguns espectáculos onde o público estava a assistir com guarda-chuvas. Um dia o Dr. Isaltino chamou-me e disse que o palácio não reunia as condições necessárias e deu-nos a hipótese de irmos para Linda-a-Velha.

E lá saltitaram uma vez mais?

Pois foi. Nós reunimos com os sócios, um deles, por curiosidade, o sócio 213 era o José Saramago, para analisarmos a proposta do presidente e para pensar num outro nome.

Mas até então ainda actuavam como 1.ºActo?

Sim. Éramos o 1.º Acto Marginalizado.

Era esse o nome com que actuavam?

Sim, sim, 1.º Acto Marginalizado! Mas o Prof. Noronha Feio não gostou nada do nome e nós decidimos mudar para 1oActo clube de Teatro Autónomo.

1oActo é que tinha de continuar (risos)!

Era a ligação. Mas houve uma reunião e o Vasco Raimundo sugeriu que nos chamássemos Intervalo Grupo de Teatro. O José Saramago disse que devíamos ter o nome de 2.ºActo. E ganhou o Intervalo, mas dizia o Vasco Raimundo que um dia voltaria a ser 1o Acto. Mas esse dia nunca chegou.

Foi na altura em que, o espaço onde se encontram, foi feito?

Sim, o Dr. Isaltino disse-me para convidar o arquitecto que eu quisesse para conceber o espaço e eu convidei um grande arquitecto e grande amigo o Nuno Teotónio Pereira e fez este espaço que acho muito bonito.

Sempre que organizam a Semana Cultural vocês entendem homenagear alguém, porquê?

A semana cultural é sempre no nosso aniversário e é uma maneira de festejarmos. E nessa altura aproveitamos para comemorar, também, aniversários de figuras importantes da vida cultural portuguesa. Tanto homenageamos um pintor como o Júlio Pomar, como um arquitecto, ou actor, ou cantor.

Figuras transversais à vida cultural portuguesa?

Exacto.

E este ano, quem vão homenagear?

Ainda é cedo para dizer.

Não quer levantar um pouco o véu?

Eu gostava muito de homenagear, e consequentemente trazer cá, a pianista Maria João Pires. É uma grande amiga nossa. Já cá veio duas vezes.

Foi actor, coisa que actualmente não exerce. Sente saudades?

Sinto, confesso que sinto. Carla, deixe-me confessar-lhe uma coisa.

Mas olhe que depois coloco tudo na revista (Risos).

Pois, mas tenho de falar. Sinto-me cansado. Sinto-me verdadeiramente cansado. No Teatro Trindade fizeram uma homenagem, porque tenho amigos que não se esqueceram que já fiz 50 anos de teatro. E são 50 anos, entende? É que dizem que quem anda por gosto não cansa, mas cansa.

Quem anda por gosto, cansa, mas cansa-se mais lentamente.

É isso mesmo, cansa-se mais lentamente. E eu já estou cansado.

E o teatro é uma luta diária.

Nem imagina. Venho para aqui às dez da manhã e fico aqui até noite dentro. Digo-lhe, sem receio de ser desmentido, que nós somos das companhias de teatro em Portugal que mais teatro faz. Em média fazemos 4 a 5 produções por ano. Com o dinheiro que recebemos, é um pequeno milagre. É necessário espírito de luta e de sacrifício. Daí estar cansado.

E imagina-se a viver sem o teatro?

Está a apeter-me escrever as minhas memórias.

E depois do Amansar da Fera [que estava em cena aquando a entrevista], que pensam fazer?

Este ano vamos fazer uma peça de homenagem aos 250 anos de elevação do concelho de Oeiras a vila. E vamos fazer um espectáculo de homenagem ao Marquês de Pombal, até ao final do ano. Estamos a preparar os textos até porque estamos a fazer isto com muita profundidade. Queremos que seja um espectáculo com rigor histórico.

Ao fim de muitos anos, sei que o Armando Caldas entrou no Teatro Amélia Rey Colaço, onde existia o 1.º Acto, como foi voltar lá após tantos anos?

Já lá não entrava, efectivamente, há muitos anos, mas o António Terra é um homem muito generoso e eu gosto das pessoas quando estão no teatro por amor ao teatro. E o António Terra parece-me ser um bom homem e como é um bom homem, eu entendo estar ao lado dele. Não foi fácil, chorei por dentro, mas fui.

PERFIL

1.º ACTO

Nasce em Santa Eulália, Elvas, mas cedo vem para o concelho de Oeiras, mais precisamente para o Dafundo;

2.º ACTO

É convidado por um colega que com ele praticava natação no Sport Algés e Dafundo, para dar o corpo a uma personagem, mais precisamente um galã tímido, ou galã de pontas – são os aqueles que nunca atravessam a cena principal, mantendo-se nas laterais.

3.º ACTO

Esteve na formação do primeiro grupo de Teatro Independente, o Teatro Moderno de Lisboa.

4.º ACTO

É um dos fundadores do 1o acto em Algés. Um bastião de resistência ao fascismo em termos culturais e políticos

INTERVALO

Entre o 25 de Abril de 1974 e o 25 de Novembro desse mesmo ano, Armando sai pelo país fora com seu amigo Carlos Paredes em jubilo pela transformação política de que Portugal foi alvo. Viveu momentos de exaltação.

5.º ACTO

Forma o Intervalo Grupo de Teatro e inaugura o Auditório Lourdes Norberto em Linda-a-Velha. Espaço cedido pela Camara Municipal de Oeiras onde se encontram. Faz em Outubro, 40 anos de existencia.

6.º ACTO

Gosta de levar a cena textos densos e com grande reflexo social tais como Marivaux, Shakespeare, o Stefan Zweig, o Lorca, o Sartre, o Eça de Queiroz, o Woody Allen, o Beckett, o Dário Fo, entre outros.

7.º ACTO

Quando fez 50 anos de Teatro, um grupo de amigos fez-lhe uma homenagem no Teatro da Trindade. Encheu. Um homem que alimenta as suas relações de amizade.

CELSE CLETO, UM HOMEM QUE ANSEIA O FUTURO

Celso Cleto começou como actor, mas a exposição a que estava sujeito, afastou-o. Mas não para muito longe, porque é nos palcos que se realiza profissionalmente. Encontrou-se como encenador e hoje, aos 44 anos, este Oeirense de gema, anseia construir o seu - nosso - CAD (Centro de Artes Dramáticas), em pleno Centro Histórico de Oeiras. Depois, o céu será o limite, andando já a magiar fazer Marlowe, por quem nutre um gosto especial. Enquanto o seu sonho não se realiza, vai-nos oferecendo grandes peças tais como o Miss Daisy, Felizmente Não é Natal e a última, Boa Noite Mãe. Celso, um homem contido e reflectido que não se detém na sua vontade férrea de tornar realidade os seus sonhos. O futuro CAD será um espaço polivalente, onde as artes e a população se podem encontrar. Um espaço que se antevê como um pólo mobilizador da população ao Centro da Vila de Oeiras. Eis um homem que anseia o futuro.

Estou frente a um Oeirense

De gema!

Que estudou electrotécnica

Como é que sabia?

Pesquisa (risos).

Sou um caso raro, nasci em casa (risos). E a primeira escola que frequentei foi a de Algés e Dafundo. Fui nadador, joguei basquetebol, fiz desportos na liga de Algés nomeadamente hóquei em patins.

Mas o contacto com o teatro acontece com que idade?

Sim, teria uns 16 anos. Nessa altura eu tinha ido para a Marquês de Pombal estudar electrotecnia e havia um professor de filosofia que resolveu montar um grupo de teatro. Resolvi aparecer nesses finais de tarde e desenvolvi o gosto pelo teatro enquanto actor.

Mas na verdade não foi enquanto actor que se realizou, mas como encenador. Quando é que se deu essa descoberta? Sei que a visibilidade a que um actor está exposto o desagrada, desconcerta.

É verdade. Nessa paixão de ser actor e toda a envolvimento do teatro, facilmente percebi que gostava mais de ser encenador. Ainda fui à faculdade de Letras onde tive professores como a Maria João, o Urbano Tavares Rodrigues, o Manuel Gusmão. Ou seja, apanhei um conjunto de ilustres ‘teatros’, deixe-me chamar-lhes assim, e rapidamente percebi que queria ser encenador. Que era por aí o meu caminho.

E com que texto se estreou?

Com um do Mário Claudio no Teatro Sá da Bandeira, no Porto.

O Celso vai sempre buscar textos intimistas e isso tem a ver com o seu

gosto pessoal ou tem mais a ver com a lógica comercial do teatro?

Tudo tem a ver com tudo, mas sem dúvida que não me consigo dissociar do meu gosto. Por exemplo, o primeiro livro que li, tinha eu 12 anos, foi a Ressurreição de Tolstói. Tirando uma ou outra experiência do ponto de vista do público, mas que se analisar bem também tinham apontamentos das minhas preocupações sociais, a minha busca vai no sentido das minhas preocupações humanas.

Por exemplo?

‘Os Monólogos da Vagina’, ou ‘A crise dos Quarenta’. Este último trata de um tipo que chega aos quarenta anos e a mulher deixa-o por um tipo mais novo, mais giro, mais tudo. E ele ainda não pagou o apartamento e questiona-se o que vai fazer da sua vida. Regressar a casa da mãe?

São também preocupações sociais.

Eu procuro os textos por duas circunstâncias: primeiro procuro bons textos salvo quando são apostas em alguns dramaturgos portugueses. Por outro lado, sendo o teatro um reflexo do mundo, é preciso diverti-los para fazer chegar a mensagem.

Isso acontece na peça Boa Noite Mãe, que embora seja um drama, solta-se o riso pelo meio, que senti como uma bolha de oxigénio para o que se seguia.

Era essa a ideia. Podemos quase chamar-lhe uma trágico-comédia. É um excelente texto tal como era o Felizmente não é Natal, o Miss Daisy, e passa-se um fenómeno curioso é que não sendo textos fáceis a verdade é que trazem muito público.

A Eunice Muñoz dizia, há uns tempos, que o Celso, não obstante de ter idade para ser seu filho, era como um pai para ela. Isso deve-se à forma como dirige os actores, as reacções que estabelece com eles?

Eu tenho um carinho muito especial pela Eunice. A Eunice é um caso à parte no teatro Português. E isso que ela disse é porque ela confia em mim e soube-me muito bem ouvi-lo.

Como é o Celso quando não consegue que os actores vão para o caminho que deseja? Fica colérico ou simplesmente afasta-se, fuma um cigarro e acalma-se?

Sou muito calmo. Duvido que alguém, algum dia, me apanhe a gritar, até porque é importante criar, nos ensaios, uma situação de grande estabilidade. Eu tenho sempre o cuidado de tentar perceber se estou ou não a chegar ao actor, se estou a fazer-lhe entender o que quero, porque posso falar e não me fazer entender, certo?

Isso acontece diariamente com todos nós!

Exacto. Quando as coisas não são conseguidas, prefiro parar um pouco,



reflectir e não me importo de estar três ou quatro noites a ensaiar só aquele actor e só naquele trecho que ainda não tenha sido bem conseguido.

E não é cansativo?

Não, eu gosto muito do que faço.

Faz o que gosta, o que falta, afinal?

Um espaço nosso, para o Centro de Artes Dramáticas.

Aqui em Oeiras?

Sim, em Oeiras. As conversações com o Sr. Presidente estão no bom caminho.

E planos para o resto do ano?

Vamos ter o Boa Noite Mãe em Carnaxide e em Setembro espero trazer, ao Eunice, a peça infantil ‘O livro da selva’.

Mas costuma encenar peças infantis?

Não serei eu, mas um encenador espanhol. Vi o espectáculo e achei que seria interessante trazê-lo cá. Mas enquanto não tivermos o nosso espaço, é muito complicado. Até porque não nos resta muito espaços para a nossa programação.

Que especificidades queria para esse seu espaço?

Eu gostava que fosse um espaço aberto a partir das 11h00 da manhã e que fechasse, todos os dias, às 00h00. Um espaço onde as pessoas possam circular. E ao mesmo tempo, que seja um espaço não só de produção teatral mas também de formação, que seja uma oficina. Desejo um espaço polivalente. Gostava que tivesse um bar a funcionar, uma sala onde se possa visionar filmes antigos e por aí fora. Acima de tudo, que esteja aberto à população. Naturalmente que isto requer um esforço financeiro público.

Mas também tem o retorno.

Exacto, é isso mesmo. E eu embora seja a pessoa que vai dar início a tudo isto, na verdade, não é para mim que anseio esta meta, este projecto. Mesmo o caso da Miss Daisy, do Felizmente não é Natal que gravamos para a televisão, é um espólio artístico, há uma memória que vai ficando e que não é minha, não é de ninguém, mas sim do concelho, das pessoas que aqui vivem.

E porque essa sua escolha em Oeiras?

Porque sou de cá, porque tenho aqui a minha infância, as minhas raízes. Mas estou certo que mais um ano, ano e meio consigamos ter o nosso espaço.

Há algum escritor que desejasse trabalhar?

Adoraria trabalhar Marlowe. É um contemporâneo de Shakespeare, mas quem sabe se no novo teatro eu consigo fazê-lo. É um autor que sempre gostei muito e que é pouco feito em Portugal.

Quando vai ao cinema, consegue dissociar-se do teatro, não pensa que aquela história podia ser trabalhada para teatro? Faça esta pergunta porque por exemplo, o Revolutionary Road é originalmente uma peça de teatro que funcionou bem em cinema. E ver em cinema e depois em teatro é completar-se.

Eu entendo o que diz, mas por base só faço um texto, seja ele uma película ou uma obra de teatro quando sinto que não está totalmente trabalhado. Se for ver um filme ou peça de teatro e entendo que da leitura que faço está feito, totalmente feito e eu não acho que vá acrescentar nada mais, eu não pretendo fazer essa peça. Só quando entendo que possa acrescentar algo de diferente. Por exemplo, quando fizemos o Miss Daisy, e foi a primeira vez que foi feita em Portugal, olhei para o filme, olhei para algumas fotografias da Broadway e quando a fiz, fiz com um acrescento, fomos os únicos do mundo inteiro a por um carro em cena. Nem na Broadway o fizeram.

E o Celso actor, quando vai regressar?

Não me vejo a regressar, sinceramente. Não me encontro enquanto tal.

CARLOS D'ALMEIDA RIBEIRO O HOMEM QUE NOS FAZ FELIZ!

Carlos d'Almeida Ribeiro é o pai do TIO – Teatro Independente de Oeiras cuja produtora é a Pancada. Dito assim, ficamos já a saber que este actor, encenador, director é um homem com piada. Apaixonado pelo teatro diz-se, por vezes, desiludido, mas vai sempre em frente desde que seja a rir ou a fazer rir. É na comédia que se espraia. Gosta do lado feliz da vida. Nunca conseguiria escolher entre actor ou encenador e por isso construiu a sua vida de forma a nunca ter de fazer tal escolha. Um homem de 40 anos que parece um puto reguila, com muita piada, mas que sabe o que quer.

A sua ligação a teatro começou na escola, ou melhor, no Liceu de Oeiras. Como é que começou?

Talvez tenhamos de ir mais atrás. Quer o gosto, quer a vertente da veia artística tenha sido transmitida pelos meus pais. Eles eram consumidores de teatro e a minha mãe fez teatro com actores conhecidos tais como o Rui Luís.

Mas enquanto amadora?

Sim, amadora. Mas ficou sempre com este bichinho. A minha mãe é muito faladora, muito extrovertida, muito bem-disposta e acredito que seja dela que vem o meu gosto. Quando vou para o Liceu de Oeiras estudar, dou por mim a fazer palhaçadas e recordo que muitas vezes fui expulso por as fazer dentro da sala de aulas.

Para o Carlos todos os espaços eram potenciais sítios onde podia expor a sua veia artística?

Com certeza (risos). Recordo-me de uma vez o professor de história, o Victor Gonçalves, que foi quem calçou de uma forma mais definitiva este meu gosto pelo teatro, chegar à escola e ver uma multidão junta e pensar que estaria a haver uma pancadaria, e era eu que estava lá no meio a fazer as minhas palhaçadas, as minhas imitações. Aliás, concorri várias vezes à associação de estudantes, não tanto por causa da parte política da coisa, mas pela parte artística.

O lado mais exposto, mais visível, atrai-o?

Sim, atrai, mas porquê, isso admira-a?

Não é isso, apenas há artistas muito tímidos e que até é terapêutico terem de se expor quando actuam, o que não parece ser o seu caso.

Pois, definitivamente não sou, mas sou muito observador num ambiente que não conheço. Mas se for um ambiente que conheço, tendo a liderá-lo.

Mas voltando à associação, alguma vez a ganhou?

Houve um ano em que a ia ganhando e foi algo que me preocupou, até porque não queria ganhar.

Você queria o show off?

Exacto. Queria teatradas. Mas não ganhei. E agora que estou aqui a olhar para o passado dá-me vontade de rir porque tinha uma lista que era a lista H e à volta dessa lista os slogans eram ‘Está na hora H’, ‘A bomba H’. Num outro ano era a lista B, havia a A e a C e dizia ‘No meio é que está a virtude’, ‘B de bem bom’ (risos). Bons tempos.

Mas como passa para o teatro?

Sou convidado por uma colega a fazer parte do teatro da escola. E é a partir daí que a ligação se acentua. O professor de história a dada altura vai fazer a profissionalização para o Montijo e convida-me a dar continuidade ao projecto de teatro da escola. Recordo, com muita alegria, que fui proibido pela então presidente do Conselho Directivo, a Prof. Isabel Rosa, de meter mais do que um certo número de espectadores no ginásio, que era onde actuava.

la muita gente?

Nos meus espectáculos, se houvesse uma catástrofe, morria toda a gente. Era muita gente, mesmo.

Mas já nessa altura o seu registo era a comédia?

Sempre foi. Só sei fazer comédias. Mentira, no meu percurso de 33 produções já fiz os Maias, fiz no liceu uma colagem de textos do Gil Vicente, ou seja, não fiz só comédia.

Mas é na comédia que se sente como peixe na água.

Claro. Deixe-me confessar que odeio o que não é comédia. Porque me divirto, aliás por vezes divirto-me muito mais que o público. A dada altura consegui levar a comitiva da câmara, o Dr. Isaltino, o Prof. Noronha Feio a ver as minhas produções.

E é assim que começa a ter um cunho mais sério?

Pois, não houve um dia, um momento exacto. Foi acontecendo. Em 1989, que foi o meu último ano no liceu, lembro-me que fiz um discurso muito marcante, muito emotivo e no final desse discurso o Dr. Isaltino sobe ao palco, dá-me um abraço e diz: Amanhã vai ter comigo à câmara.

E foi, certo?

Claro, nunca faltaria. E foi assim que surge o Teatro Independente de Oeiras, TIO, que neste momento tem uma produtora que se chama Pancada.

A Pancada é a produtora do TIO?

O TIO neste momento não é uma entidade fiscal.

E depois?

Depois andamos um bocado aos caídos. Estivemos nos Carecas, onde é



hoje o Mini Preço, onde nos cederam umas salas. Fizemos uns cenários no Palácio do Egipto. E estreamos no antigo cinema de Oeiras onde estivemos 5 ou 6 anos. Púnhamos e dispúnhamos desse espaço.

Lembra-se de quando foi para o Eunice Munoz?

A primeira peça foi em 1990 com a comédia ‘Uma nora ideal’. Na altura fidelizamos bastante público. Mas depois quando o espaço entra para obras, foi uma altura complicada, porque perdemos o publico que tínhamos fidelizado.

E durante as obras o que fizeram?

Andamos de um lado para o outro. Estivemos no cinema Stadium, no Sport Algés e Dafundo, e este andar por um lado e outro quebrou a corrente com o público.

Mas depois voltaram ao Eunice Munoz?

Sim, mas quando voltamos só tínhamos dois meses por ano que esticávamos para quatro. Na altura eu tento sensibilizar o presidente que era um absurdo, uma companhia subsidiada pela câmara ter apenas dois a quatro meses de actividade anual. E quando fizemos 10 anos, em 2000, o presidente convidou-nos para jantar e a prenda que ele tinha para nos dar era uma sala.

Mas onde ensaiavam até aí?

Nos tínhamos um barracão da antiga escola onde funciona o Gabinete de Juventude. Frequentemente estávamos doentes porque havia muitas correntes de ar. Não tinha condições algumas. E foi-nos dado um espaço que é onde estamos. Demoramos cinco anos para o conseguir inaugurar, mas lá estamos, em Santo Amaro.

O que mais gosta de fazer, dirigir, ser actor? Imagine que só poderia ser uma coisa.

Isso era complicadíssimo. Houve uma vez em que isso aconteceu, eu apenas encenei e jurei para nunca mais. Lembro-me que quando estava a ver a peça senti uma enorme falta de estar lá, no palco. As tábuas fazem falta debaixo dos pés. Sinto falta de ser dirigido, porque acho que só assim podemos evoluir, mas por outro lado faz-me imensa falta o processo criativo da encenação. Resumindo, não lhe sei responder.

Como escolhe os textos?

Faço, sobretudo, muita pesquisa de textos cómicos. E vou encontrando aqueles que acho ideais para levar à cena.

Fale-me de comédias que estejam a preparar?

Estamos a preparar ‘O Hotel Casarão’, que é um texto giríssimo e que quero levar a cena no segundo semestre deste ano.

A par do teatro também está envolvido na restauração.

E aí está mais uma coisa que herdei da minha mãe que cozinha divinamente. Agora já vai perdendo a paciência, mas ela é uma excelente cozinheira. Abri o meu primeiro restaurante em 1990, o ‘Fora de Casa’ nas Palmeiras e ainda hoje o mantenho. Este é um mundo fascinante.

Assim de fugida e no fim da nossa conversa, deixe-me perguntar-lhe que idade tem?

Tenho 40 anos, infelizmente.

Infelizmente?

Sim, é o meu maior desgosto. Não lido bem com isso. No outro dia deram-me 26 anos e claro que fiquei super feliz.

Hum...

Pois, está a pensar que isso é de conversa de mulher! Mas todos os homens têm uma costela de mulher e vice-versa.

_ Relaxe... inspire... passeie sozinho ou acompanhado. Inspire-se neste ambiente, nesta perfeita comunhão entre a terra e o mar. Ele foi criado para si.

PASSEIO MARÍTIMO

Entrando na costa em Oeiras, começamos pelo Forte de S. Julião da Barra sobranceiro à Praia da Torre e demais equipamentos, requalificados, para as quais a Câmara executou os acessos, parqueamentos e arranjos paisagísticos que a tornam num exemplo correcto de ordenamento litoral. Aqui nasce o passeio marítimo que virá a desenvolver-se até ao limite do Concelho - Algés -, e onde está uma escultura referente às baleias que em tempos idos se avistavam, por vezes trazidas pelas correntes quentes do Golfo.

_ OEIRAS CRIA RESIDÊNCIA PARA CIENTISTAS

Câmara Municipal de Oeiras vai construir a primeira residência para cientistas que prevê estar pronta em 2011. Com um investimento no total de 1 milhão e 500 mil euros a residência será na Quinta dos Sete Castelos, em Santo Amaro de Oeiras.

texto por CARLA ROCHA _ fotos de GABINETE DE COMUNICAÇÃO

Um espaço que pela proximidade com o Instituto Gulbenkian Ciência e ITQB não alheio ao facto de ser um espaço aprazível, será um passo fundamental para consolidar o apoio que autarquia tem vindo a fazer na área da ciência e tecnologia.

A quinta dos Sete Castelos possui uma área ajardinada de 1,5 hectares e uma casa apalaçada. É este edifício, que será alvo de remodelação profunda de forma a tornar-se num espaço funcional e aprazível para os cientistas que o irão ocupar.

Sempre com a preocupação de respeito pela arquitectura edificada, as alterações a serem efectuadas serão profundas. Desta feita, as obras a serem efectuadas serão as seguintes:

Da análise do terreno, acessibilidades e futura utilização como Residência Oficial, optou-se por dividir conceptualmente o terreno em duas áreas distintas em termos de utilização: a primeira a Norte, destinada à entrada de viaturas e estacionamento, tendo como limite o edifício; a segunda a Sul, destinada ao lazer, aproveitando os jardins já existentes. A importância desta divisão permite só por si, perceber da necessidade de criar uma entrada principal adjacente à área de acessos, possibilitando assim uma separação entre os fluxos de entrada, permanência e saída de pessoas e também a definição de zonas públicas e de privadas.

A opção tomada foi de criar uma nova entrada a Poente/Norte através de escadaria que encaminhasse as pessoas directamente ao piso nobre. A acessibilidade exterior será melhorada, de forma a permitir a aproximação dos veículos directamente à escadaria para alargada de pessoas. Para tal, criou-se um largo em gaveto, no qual não se pretende a permanência de veículos, uma vez que se pretende igualmente criar uma zona de estacionamento a nascente, perto da área de serviços. A nova escadaria que se pretende seja executada em lioz, leva-nos ao hall de entrada que por sua vez comunica com um átrio, a partir do qual comunicamos para Sul com a primeira sala de recepções, que por sua vez poderá ou não, estar ligada ao salão, uma vez que estão separados por portas de correr, o que poderá permitir uma utilização independente dos espaços, uma vez que existe outro acesso ao salão. Assim, se nos deslocarmos para Norte temos a recepção e a biblioteca para além do já referido acesso ao salão que se efectua através do pátio central. Deste pátio que funciona como o



OPINIÃO

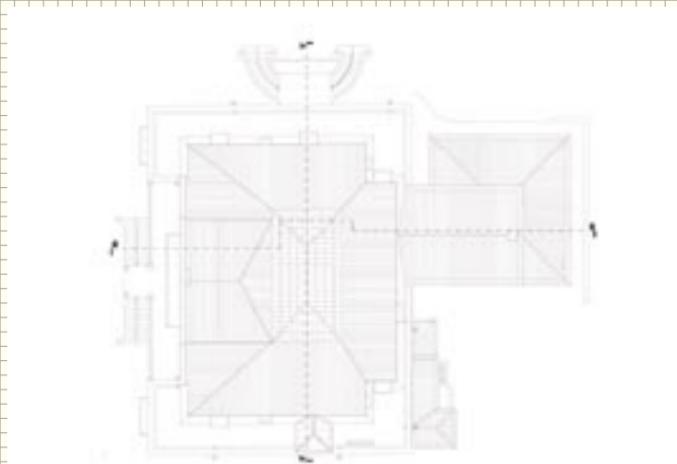
PROF. DR. ANTÓNIO COUTINHO, PRESIDENTE DO INSTITUTO GULBENKIAN CIÊNCIA

A Ciência e a Tecnologia fizeram a sua globalização bem antes da economia. Não há instituição de C&T que se preze que não receba regularmente investigadores visitantes, por períodos às vezes muito curtos (para uma conferência ou um workshop), por vezes mais prolongados, como em estágios sabáticos de vários meses. Uma residência para cientistas visitantes, que permita acolher convidados em condições mais individualizadas e "familiares" que as que os hotéis proporcionam é assim apanágio de um Campus de Ciência e Tecnologia. A sua falta fazia-se sentir vivamente em Oeiras, mas não por muito tempo, já que a Câmara Municipal acaba de adjudicar a obra de renovação e adaptação da Quinta dos Sete Castelos a uma Residência para Cientistas de grande qualidade.

Este projecto da Residência é a mais recente iniciativa da CMO no estímulo vigoroso à Ciência e Tecnologia em Oeiras. Se lhe juntarmos o apoio constante que a Câmara tem proporcionado à recepção em Oeiras dos participantes em conferências científicas, todos os programas de promoção da Ciência nas Escolas do Concelho, as Bolsas António Xavier da CMO de estímulo à instalação de jovens líderes científicos em Oeiras e aos estágios sabáticos de grandes nomes da Ciência numa das instituições do Campus, torna-se evidente que a CMO é exemplo impar no nosso País. Aqui, os poderes autárquicos compreendem o valor único da Ciência, da Tecnologia e da Inovação no desenvolvimento sócio-económico e no bem-estar das populações. Oxalá este exemplo tenha seguidores.

PROF. DR. MANUEL CARRONDO, COORDENADOR DA COMISSÃO EXECUTIVA DO INSTITUTO DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL E TECNOLÓGICA

É-me grato poder dar relevo e notoriedade ao projecto da CMO para a edificação da Residência para Cientistas que a autarquia vai criar na Quinta dos Sete Castelos. Sendo Oeiras já hoje um dos municípios europeus com maior densidade de investigação e desenvolvimento, este será mais um passo agregador e atractor de cientistas de outras culturas que se transfiram por períodos mais ou menos longos para o concelho.



_ Figura 1
Planta da cobertura
em desenho técnico.

_ Figura 2
Fotografia da maquete
do edifício



elemento central do edifício, acedemos ainda a Norte, ao coro, que funcionará também como uma sala de estar e as instalações sanitárias para ambos os sexos. A fachada Norte termina com a cozinha, que é subdividida em lavandaria, que por sua vez comunica com o exterior através de escadaria exterior, com os sanitários de pessoal e já ao longo da fachada Nascente com a copa que passa por cima das escadas de acesso interior que permitem a comunicação com os três pisos.

Esta escada foi agora introduzida uma vez que os acessos verticais era efectuado por dois lances independentes entre o piso inferior e o intermédio e entre o este e o superior. Em ambos os casos por escadas estreitas e de difícil acesso. Optou-se no entanto, por não retirar a escada de comunicação com o piso superior uma vez que é um elemento executado em ferro datado de 1900 e de grande qualidade construtiva, e que poderá servir como meio alternativo de evacuação.

O canto Nascente/Sul é colmatado pela sala de refeições, que está por sua vez também ligada ao salão por portas de correr. Adjacente às novas escadas interiores instalou-se também um elevador, possibilitando assim o acesso de deficientes a qualquer dos três pisos. O piso térreo foi desenvolvido com quatro novos quartos com WC privativo e com dois quartos destinados ao pessoal, e que se situam imediatamente por baixo da zona de serviços.

Para além destes espaços temos também armazéns, adegas e rouparias. De referir que se pretende que a adega de vinhos seja um espaço aberto em termos visuais, mas fechado através de gradeamento de ferro, criando assim um ponto de interesse no corredor circundante.

O piso superior é, sem dúvida, no qual se pretende introduzir mais alterações, uma vez que é aqui que ficarão localizados os quartos principais destinados aos visitantes. Esta alteração necessária da cobertura levou a considerar a criação não só de varandas com acesso dos quartos, mas também continuar com a ideia dos antigos proprietários datada de 1939 de dignificar mais o alçado principal com um novo frontão. Considerou-se que seria sem dúvida a melhor forma de tratar esta fachada, tendo-se no entanto, optado por desenvolver o conceito da mansarda tão contemporânea deste edifício e que permitiria assim criar as já referidas varandas. Os quartos que se destinam aos visitantes foram concebidos levando em conta dois tipos diferentes de acomodação. Assim, na frente Norte/Nascente e Norte/Poente, criaram-se 2 suites compostas por sala, quarto e quarto de banho completo com as respectivas varandas. Na frente Sul, optou-se pela criação de 4 quartos, 2 dos quais mais amplos virados a Nascente e Poente e os restantes mais pequenos, situam-se sobre a fachada principal a Sul. Todos estão equipados com quartos de banho completos e respectivos armários para além das respectivas varandas.

RETROSPECTIVA

FICHA TÉCNICA

Data de conclusão: 2011
Lançamento da 1.ª pedra em Setembro 2009
Investimento: 1.500 mil euros
Localização: Quinta dos Sete Castelos, em Santo Amaro de Oeiras
Área verde: 1,5 hectares
Arquitecto: Arquitecto Ronald Hart
Objectivo: transformar a casa apalaçada já existente na quinta, de forma que esta se torne num espaço funcional e aprazível para os cientistas que o irão ocupar.
Metodologia: optou-se por dividir conceptualmente o terreno em duas áreas distintas em termos de utilização: a primeira a Norte, destinada à entrada de viaturas e estacionamento, tendo como limite o edifício; a segunda a Sul, destinada ao lazer, aproveitando os jardins já existentes.

_ PASSEIO MARÍTIMO DE OEIRAS

No passado dia 21 de Março a 2.ª fase do Passeio Marítimo de Oeiras foi inaugurado. O troço entre a praia de Santo Amaro e a praia de Paço de Arcos ficou concluído.

texto por **CARLA ROCHA** - fotos de **GABINETE DE COMUNICAÇÃO**

A obra foi da autoria do Arquitecto paisagista Sidónio Pardal. Esta obra dá continuidade ao Passeio Marítimo que se prolonga ao longo de toda a orla marítima do concelho, proporcionando um percurso pedonal que assume particular importância dada a dificuldade de acesso e de fruição desta zona de excelência não só para as populações residentes mas também para o turismo da Costa do Sol. Trata-se de um plano consensualizado que prossegue há muitas dezenas de anos e que se encontra prestes a ser concluído. O troço, agora tratado, vem dar continuidade a um programa de obra que agarra o passeio existente junto ao Forte da São João das Maias e o prolonga até à Praia de Paço de Arcos, integrando o paredão longitudinal preexistente que data dos anos 30. Com esta intervenção, além de se assegurar a fruição deste trecho da orla costeira, confere-se segurança, asseio e valorização estética a um espaço que é particularmente atraente mas que não estava acessível. A ideia caracteriza-se pela subtil simplicidade do desenho e pela força da expressão paisagística do sítio. Para além dos objectivos específicos do percurso pedonal, alcança-se também uma protecção e estabilização das vertentes escarpadas do afloramento basáltico, na medida em que, algumas pedras soltas e instáveis constituíam uma ameaça para as pessoas que se aventuravam a deambular pelo sopé e pela crista da escarpa. Também o próprio Forte de São João das Maias, em parte ameaçado pela rebentação das ondas em períodos de tempestade, fica definitivamente protegido, já que o esporão construído a poente não é suficiente para neutralizar a energia das ondas neste local. A procura regular do Passeio Marítimo por centenas de milhares de pessoas atesta a sua utilidade, e constitui uma importante valorização não apenas para o concelho de Oeiras mas para a área metropolitana.



Inauguração da 2.ª fase do Passeio Marítimo

ENTREVISTA

SIDÓNIO PARDAL, ARQUITECTO

E este muro especial na Praia de Paço de Arcos tem um propósito para além da estética?

Sim, este muro surge à partida da necessidade funcional de neutralizar a estrada, o trânsito e o ruído. Depois evoluiu para um objecto que pretende ter um sentido próprio.

É como que uma cortina?

Também pode ser visto dessa forma, mas não é uma cortina completamente fechada, porque tem aberturas dispersas, para não cortar completamente, a quem passa de carro ou a pé na estrada, a vista do mar, que, desta feita, aparece com diversos enquadramentos dados pelas sucessivas aberturas.

Que outros elementos foi buscar para além do granito?

Para que o granito não se tornasse repetitivo, cansativo e pesado em todo este percurso, há uma parte significativa de muro que foi trabalhada com xisto.

E porquê o xisto?

Porque tem uma estereotomia muito fractal e uma cor que combina bem com os afloramentos rochosos naturais do sítio, alguns dentro do mar, entre o castanho, o cinza e o verde-escuro. O xisto combina bem com estas tonalidades, modera a presença do granito e cria uma diferenciação compartimentadora que reduz o tempo psicológico dos percursos.

E os outros elementos, tais como os candeeiros, os bancos, aquilo a que chamamos mobiliário urbano?

Os candeeiros foram cuidadosamente escolhidos e, quanto aos bancos, na verdade, não acho que sejam muito necessários porque toda a guarda do Passeio são bancos. No entanto, pode justificar-se a colocação a qualquer momento de bancos com costas em locais estratégicos, principalmente para as pessoas de mais idade que necessitem destes apoios.

Está a falar do muro mais baixo?

Sim, toda a guarda de granito é um banco ou pode ser utilizada com esse propósito.

Qual a maior dificuldade com que se deparou ao projectar esta obra?

A dificuldade é sempre a incerteza do resultado final. Começamos a fazer uma obra destas e depois ou sai bem ou sai mal.

O que entende por sair bem ou mal? É as pessoas gostarem ou não da obra final? É o olhar crítico do autor sobre a sua obra que divergiu do seu pensamento?

É a relação que se tece entre as pessoas e o sítio ao longo do tempo.

Num artigo que escreveu em tempos lê-se: «o arquitecto é sempre confrontado com problemas de adaptação entre a estrutura, a forma e a função, e em cada solução encontrada está sempre implícita uma componente racionalista», e eu pergunto se também não está implícita uma componente sentimental?

A arquitectura é um jogo de razões e de emoções. No acto de projectar há todo um programa funcional. Por exemplo, a escolha do pavimento deve considerar as condições mais confortáveis para quem anda a pé, mas também não deve deixar de lado as condições estéticas que se prendem com a percepção do próprio pavimento, a qual tem implicações na sensação de conforto.

E aí estamos perante o olhar racional?

A funcionalidade apela muito para a razão, mas quantas vezes surpreendentemente a forma e a solução mais funcional advém de um gesto, de uma ideia, que vem inesperadamente de um entendimento sensível que a razão desconhece.

E o que é que o deixava feliz, era vir daqui a um ano e ver o Passeio cheio de pessoas?

Espero que as pessoas se apropriem do Passeio Marítimo com agrado.



BASES GERAIS DE PROJECTO

O Passeio Marítimo assume uma expressão que se harmoniza com a continuidade das pré-existências mais significativas e, simultaneamente, afirma-se como elemento arquitectónico com uma dimensão paisagística. Ao longo do Passeio desenvolvem-se diferenças e singularidades que compartimentam o percurso, reduzindo o tempo psicológico e, em contraponto, criam-se sítios que são pontos de pausa e contemplação.

A concepção paisagística utiliza de forma enfática os elementos construídos em pedra. A opção pelo granito deve-se ao facto desta pedra se prestar a um talhe por clivagem, o que não acontece com os calcários. Acresce ainda a vantagem da resistência mecânica que o granito oferece nas condições desta frente mar, considerando que, em extensos troços, o muro fica exposto à acção directa da ondulação.

No sentido Santo Amaro-Paço de Arcos vamos sucessivamente deparando com vários “momentos” do Passeio que podem ser individualizados pelas especificidades que apresentam e por se constituírem ou não como remodelações/reconversões de troços existentes. De uma forma simplificada podemos identificar neste sector do Passeio Marítimo diferentes unidades tipológicas que correspondem aos troços que a seguir se descrevem (fig. 3).

A solução para paramento do passeio consiste na colocação de blocos de pedra, talhados por clivagem, dispostos em silhar, funcionando como cofragem perdida na face interior. O coroamento deste muro será feito com um novo conjunto de blocos de pedra com um talhe do mesmo tipo com a face superior mais regular.

As opções de desenho e composição de superfícies, remates, capeamentos, desenho de escadas, pórticos, rampas e mirantes coordenam-se com os desenhos de pavimento, num estudado compromisso entre uma desejável variedade e a necessária unidade na leitura do objecto arquitectónico.

A expressão e qualidade do pavimento é, particularmente, importante para a imagem do Passeio e conforto dos utentes. Considerando a extensão da aplicação e a relação com a envolvente optou-se dois tipos de pavimentação: betão betuminoso com tratamento cromático que o



confunda com a cor das águas do mar e lajedo de granito.

A iluminação proporciona um fluxo luminoso adequado à segurança dos utentes e à valorização plástica das formas do Passeio e dos acontecimentos arquitectónicos e paisagísticos que se sucedem.

O mobiliário recorre a peças standard do mercado discretas e funcionais. As espécies vegetais escolhidas para a composição florística de enquadramento do Passeio tem três objectivos principais: estabilização e contenção de terras na modelação dos taludes quer de remate quer de isolamento (a montante dos muros de suporte do lado de terra); reforço do isolamento visual e acústico proporcionado pelos taludes de interiorização na Praia de Paço d’Arcos; criação de manchas arbóreas, arbustivas e herbáceas com texturas e matizes cromáticas pouco contrastadas.

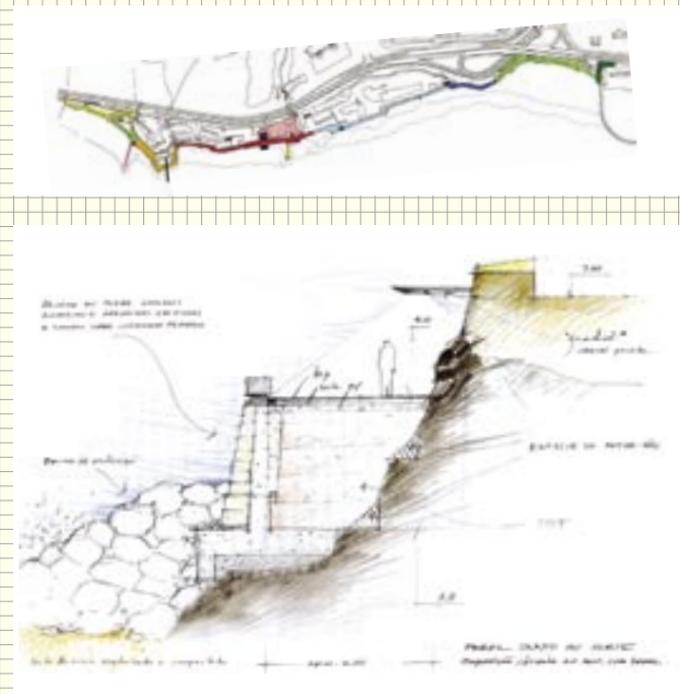
APONTAMENTOS DE CAMPO

O Passeio Marítimo é um elemento que encontra o seu sentido no percurso delineado na relação entre a terra e o mar. Aqui o Passeio, enquanto elemento construído, é a parte arquitectada da paisagem que se estende para integrar o campo panorâmico do mar e a fimbria de terra que lhe dá um enquadramento próximo. O mar, o Passeio e a terra são elementos conexos e complementares que encontram a sua unidade na paisagem dada ao lazer, ao encontro e à contemplação do percurso numa linearidade sequenciada. Esta paisagem aberta faz contraponto com as interioridades do tecido urbano e constitui um acontecimento excepcional no corpo da cidade. À partida temos o mar e uma orla costeira rochosa e pontualmente escarpada entre duas pequenas praias que distam entre si cerca de 1100 metros.

Uma paisagem não tem representação possível, por isso, só a sua fruição directa, a sua vivência quotidiana pode captá-la e avaliá-la. Na sua essência a paisagem é o acto de revelação de um espaço acolhedor que se disponibiliza para ser confortavelmente fruído. A generosidade desta entrega domina totalmente a concepção da paisagem que é por sua vez, indissociável de uma manifestação espiritual sublimada. O sítio apaga-se paisagisticamente quando o sujeito perde a capacidade ou a vontade de o apreender emocionalmente.

Figura 3 Troços/ unidades tipológicas no sector do passeio marítimo.

Figura 4 Estudos preliminares para o troço envolvente do Forte.



RETROSPECTIVA

FICHA TÉCNICA

Data de conclusão: Março 2009

Investimento: 5 milhões de euros

Localização: ligação da praia de Santo Amaro à de Paço de Arcos;

Arquitecto responsável: Sidónio Pardal

Objectivos: prolongar o passeio marítimo existente e dar a possibilidade de se usufruir em plenitude do litoral do concelho; realizar uma obra em sintonia com a natureza disponível e acessível a todos, habitantes do concelho ou visitantes.



Agradecimentos:
a Oeiras em Revista agradece
ao bar Tou na Onda, situado
no Porto de Recreio de Oeiras
não só pela disponibilidade do
espaço e dos materiais
bem como da insubstituível
simpatia com que nos deixaram
usar e abusar da casa.

DE
OEIRAS
PARA
NOVA IORQUE

_ Dálio Calado é Oeirense de gema. Estudou na Vale do Rio até ir para comissário de bordo. Pelo meio fazia parte de uma banda. Banda esta que o levou para os EUA de onde só sai para matar saudades do seu Portugal. Com apenas 28 anos, é um dos mixologistas mais badalados de Nova Iorque.

texto por CARLA ROCHA _ fotos de CARLOS SANTOS



_ Assume o seu mau feitio matinal, e para me salvaguardar, combinamos para o início de tarde a nossa conversa. E o homem que já fez cocktails para Adriana Lima, Meryl Streep, os elementos da série Os sopranos, para Martha Stewart, Lenny Kravitz, entre outros, mostrou-se ser o mais simples, delicado e paciente entrevistado, explicando, ao pormenor, o mundo dos cocktails. Para sorte minha, recusou-se falar deles sem que eu provasse primeiro os seus mais que tudo Artini, Art Basil e o meu favorito French Perfection.

Com o mar por companhia, o bar Tou na Onda, no Porto de Recreio, abriu-nos a porta, ou melhor, abriu o bar deixando Dálio Clado entregue ao seu mundo por vezes doce, por vezes seco, mas sempre, sempre animado. Dálio Calado, um nome a reter.

Em Nova Iorque, onde vive, quando perguntam de onde é o que responde?

Que sou Português, mais precisamente de Oeiras.

Não diz que é de Lisboa?

Não tenho interesse nenhum em dizer que sou de Lisboa, digo sempre que sou de Oeiras. Claro que depois perguntam onde fica e eu explico (risos). E digo sempre que Oeiras é o melhor concelho de Portugal. Eu fiquei espantado com a evolução que Oeiras teve. O município está todo muito bonito e a verdade é que o Isaltino é uma pessoa com uma grande visão. As pessoas não imaginam o que é sair daqui, voltar e ver o concelho a ir na direcção certa, é mesmo bom.

Há quanto tempo não vinha cá?

Eu já não vinha cá há alguns anos. Eu não gosto de dizer que não venho cá porque isso nem é verdade. Venho cá muitas vezes, continuo a investir na economia portuguesa, aliás, é um dos motivos porque agora estou cá, é para fazer negócios. É para fazer aquilo que também faço em Nova Iorque. Mas é sempre a correr, e desta vez vim com mais tempo e [O empregado traz água das pedras que o Dálio pediu e logo se apronta a dizer] Sabe que esta água foi proibida nos EUA?

Não fazia ideia, mas porquê?

Dizem que encontraram não-sei-o-quê, mas eu quando posso consumo-a. Aliás, é a minha água favorita. Adoro-a. Faço bons cocktails com esta água.

Já vamos ao que bebe e ao que dá a beber, primeiro quero saber a sua vida.

Vou-lhe contar a minha história. Estudei na Escola Vale do Rio, mesmo ao lado da Câmara. Depois virei comissário de bordo e tinha, ao mesmo tempo, uma banda. A dada altura uma maquete da banda foi parar às mãos certas, na Virgínia, no Sul da América. Fui para os EUA e deixei para trás a profissão de comissário. Estive ainda uns anos na música, mas cometemos um grande erro que foi terem colocado a banda a viver junta. Isso já em Nova Iorque. A dada altura aquilo parecia o Big Brother e ao

fim de uns três meses já nem nos podíamos ver uns aos outros. Éramos todos muito jovens com uns egos enormes e com a mania que sabíamos tudo da vida. Deu conflito, como se pode imaginar.

Mas foi uma experiência que pode ter funcionado para outros fins?

Sem dúvida, fez-me crescer, foi muito interessante. Ainda gravamos com grandes nomes da música.

Mas como se deu a sua ligação ao mundo dos cocktails?

Todo o mundo em Nova Iorque trabalha. A não ser que sejam muito ricos, todos têm de trabalhar porque o nível de vida é muito caro. E eu nunca me quis privar daquilo que me dá prazer, de comer bem, de beber bem, de viajar, de ter férias em sítios que me interessam. E desta feita arranjei um trabalho como barman num sítio.

Mas já tinha tido alguma experiência nesse ramo?

Sim, cá em Portugal num bar de um amigo meu umas quantas noites, mas uma experiência a sério foi lá. E temos de ver que a experiência da aviação também é uma experiência a ter em conta afinal, o que é que fazemos? Servimos, certo? Por isso, esse mundo não era, de todo, novo para mim.

E gosta de servir?

Toda a ideia adjacente ao acto de servir, ao que está por detrás, é pura magia. E servir bem não é fácil.

Para se ser barman é fundamental gostar-se de conversar, de conhecer pessoas?

É, mas eu adoro conhecer gente nova, adoro. É muito importante o contacto visual com os clientes, é fundamental.

Mas voltando atrás, como deixa o mundo da música e passa para o mundo das bebidas?

Eu tocava umas vezes e noutras vezes estava no bar. Fui desenvolvendo a arte de servir, de fazer cocktails. Entretanto, as coisas com a banda portuguesa não deram certo, e comecei a tocar com uma banda americana mas sempre em paralelo com o mundo dos bares.

Mas o que fazia na banda?

Era guitarrista. Depois fartei-me da banda e fiquei só no mundo dos cocktails. Comecei a ganhar a atenção das marcas das bebidas espirituosas. Começaram a vir ao meu bar ver-me a fazer as bebidas.



Aquele é um mundo fascinante. Por exemplo, porque é que começam a haver cozinhas abertas? Para mostrarmos o que se vai comer. O mesmo se passa com as bebidas. Se você pede uma coisa para beber, gosta que as coisas sejam feitas à sua frente. E isso passou a ser uma janela para mim. Comecei a utilizar muitos sumos brasileiros e portugueses, tais como a Compal, que tem néctares óptimos e em que os cocktails ficam excelentes. Viam e gostavam de ver e, acima de tudo, gostavam do que bebiam.

E arranja nos EUA esses produtos?

Sim, ou peço aos meus amigos que vão lá com frequência. Há sempre maneira de ter os produtos que utilizo.

E a fruta fresca? Não utiliza?

Sim, claro, aliás esse é um dos segredos, fruta fresca. Mas um néctar não impede a fruta fresca.

Mas como desenvolveu a sua 'arte'?

Eu ganhei notoriedade quando comecei a brincar com as receitas clássicas. Por exemplo, à caipirinha eu adicionava um twist meu e dava-lhe um toque diferenciado. Ou, por exemplo, o Cosmopolitan, que ficou muito conhecido na série Sexo e a Cidade, na sua receita original não tem nada natural. E como eu acredito nos produtos naturais e orgânicos, resol-

vi usar uma vodka orgânica, ou seja, que não tem sabor, à qual associei um preparado de limas e limões frescos, e uns quantos truques (risos) e acredite que faz a diferença. Não tem nada a ver com os normais Cosmopolitan. Depois, a dada altura entendi ir estudar mixologia, bartending e vinhos.

Sentiu necessidade de cimentar conhecimentos que apenas tinha na prática?

Não, senti necessidade de ter no curriculum o curso para que não houvesse dúvidas de que sabia o que estava a fazer.

É a importância do canudo!

Exacto. Não fui aprender nada, mas para algumas pessoas o canudo é a porta, é o saber.

Essa inovação abriu-lhe portas até para trabalhar com pessoas conhecidas do grande público.

Sim, por exemplo, fiz o Halloween para a Lindsay Lohan, porque ela tinha adorado um cocktail que tinha provado num bar e quis que fosse eu a fazer-lhe a festa.

A diferenciação traz frutos.

Quase sempre, quase sempre. Sair do trilho. Inovar.



Dálio Calado a fazer uma das suas criações, o French Perfectio.

Acha que teve sorte?

Devo ter tido alguma, mas também sou de agarrar as oportunidades e trabalho muito. Na verdade, eu sou um puto que veio de um país exótico. Para eles, Portugal é exótico.

Exótico?

Sim, não é o mesmo que dizer que sou da América do Sul, porque lá da América do Sul existem uns cinquenta mil gajos. Tenho é de explicar, muitas vezes, que Portugal não é parte da Espanha.

No entanto, deixou os bares.

Deixei, embora o faça quando é necessário, mas aquilo que faço hoje em dia é desenvolvimento de receitas.

A mixologia, portanto. Como surgiu a ideia?

Um dia estava em Miami e a febre dos chefes privados estava ao rubro e pensei, porque não passar a mesma ideia mas para as bebidas, para os cocktails? Porque não há-de haver um bar-chefe para fazer bebidas privadas, à medida do cliente? Porque é isso que eu gosto de fazer, dar dicas de vinhos, cervejas e fazer cocktails.

Dai abrir a Classical Cocktails?

Claro. Que é uma empresa destinada a fazer pequenos eventos exclusivos de cocktails, ou seja, se quiser uma festa mais intimista, com as pessoas de pé, e temos de ver que o acto de beber cocktails é mais pessoal, apela ao convívio, então eu faço as bebidas à medida da festa e ao gosto de quem a oferece.

Que género de festas faz?

Faço muito galerias de arte. São duas horas em que faço cocktails especialmente criados para o evento e de acordo com o gosto da pessoa que pode dizer: eu gosto mais de tequila, ou gosto mais de gin. E eu tento ir de encontro aos seus gostos sempre com o toque de novidade e de criatividade.

Há algum sabor que não goste e que, no entanto, tenha de trabalhar com ele?

Há um que efectivamente não gosto, mas graças a Deus não tenho de trabalhar com ele, porque quando me pedem eu recuso.

E é?

O gengibre. Não consigo. Simplesmente não consigo e há uma febre das margaritas de gengibre que simplesmente não suporto.

Sei que em Dezembro de 2007 saiu uma reportagem, escrita pelo guru das bebidas espirituosas, no Metro, que o Dálio fazia o melhor cocktail natalício.

Pois foi, pois foi.

E que impacto teve na sua vida?

Nem imagina o que foi! Depois saiu em mais uma serie de jornais e revistas, não fazia mais nada do que dar entrevistas...

Não diga isso com um ar tão triste!

Não, não. (risos) Depois sai no Daily News, nas revistas In Touch e Nylon. Na verdade este ano quero sair no New York Times, é este o meu target para este ano.

Ambicioso?

Temos de ser, senão nunca chegamos a lado algum! Não se esqueça que eu era um ‘Zé Ninguém’ que tinha uma barzinho em Nova Iorque e de repente, bum, a minha vida deu uma grande volta, mas a constante, em mim, sempre foi trabalhar, ser honesto e ser muito ambicioso. É importante.

Foi depois do BUM mediático que foi convidado para fazer desenvolvimento de cocktails para algumas marcas.

Foi quando fiquei mais visível que algumas marcas me convidaram para desenvolver receitas. Sou mixologista residente da Christiania Vodka e embaixador da marca St. Germain. Gosto muito deste meu trabalho.

As bebidas também são uma questão de moda?

São, sem dúvida.

Falando da crise que estamos a viver...

Sabe que é na crise que as pessoas mais bebem?

Bem, já respondeu à minha pergunta, que era saber se sentia a crise (risos)

Pois, não senti e não devo sentir. O que há de melhor para desanuviar? Beber um bom cocktail (risos)

Pois, e quanto mais se bebem, mais longe fica o discernimento da crise.

Claro, é remédio santo.

Mas no dia seguinte, a crise continua lá!

E as bebidas também (risos). E sabe que os cocktails são extremamente lucrativos?

Já imaginava.

Pois, porque tem tudo a ver com balanço. Os cocktails não são muito álcool e um pouco de sumo, é o contrario. É aquela porção de álcool que vai satisfazer o cliente e adicionar outros sabores para o tornar agradável e torná-lo apetitoso para o segundo.

Qual a faixa etária que consomem os seus cocktails?

Entre os 25 e os 40 anos. Entre os 45 e os 55 as pessoas não bebem muito, estão na fase da vida em que se sentem assustados com a velhice que aí vem. Depois dos 55 voltam a consumir.

Do tipo, vamos esquecer a velhice.

É isso mesmo.

Enquanto consultor, trabalha com alguma marca portuguesa?

Sim, estou a trabalhar para o Licor Beirão. Estou a criar cocktails com esta fantástica bebida.

Olho para um cocktail e penso que os olhos também bebem.

Pois bebem, a estética é importante e eu dou-lhe um grande valor. Mesmo quando se trata dos copos onde vão os cocktails. Sou capaz de correr meio mundo em busca daqueles copos que acho que são os mais indicados para aquela bebida.

E daqui para a frente?

Faço muito consultoria, mas também crio receitas para uma ou outra marca. Estou a pensar em trazer a minha empresa para Portugal, mas nunca deixar Nova Iorque, andar cá e lá. Carla, mas estou aqui a conversar consigo e nem sei o que costuma pedir quando vai a um bar e eu gosto de saber.

Peço sempre um Porto Tónico.

A sério? Hum...

Já percebi que não acha a bebida nada de especial.

Eu gosto de coisas simples.

Não, não, porto e água tônica, parece-me muito bem. Via-a mais a beber um cocktail com vodka.

Nem me atrevo a perguntar o porquê! Mas mudando de assunto, como chega ao gosto da pessoa que tem à sua frente?

(risos) a primeira pergunta que faço é se gostam de bebidas doces ou secas. E depois tento ir ao encontro do gosto da pessoa.

Falei no vinho do porto, utiliza muito nos seus cocktails?

Sim, e devo dizer que não entra em nenhuma casa em Nova Iorque que não tenha vinho do porto.

E é mesmo vinho do Porto, português, ou uma daquelas imitações que vêm da Austrália ou Chile?

Isso é o que eu digo nas minhas palestras: «meus senhores, diz-se Porto e como tal ou vem do Porto ou escusam de beber. Vinho do Porto que vem da Califórnia ou que vem da Tunísia, não é vinho do Porto».

E para quando um cocktail com o Vinho de Carcavelos, o Conde de Oeiras?

Não é nada que já não me tenha passado pela cabeça. Mas é quando quiserem... um dia destes dedico-me a um cocktail feito com o Vinho de Carcavelos e dedico ao povo Oeirense.

Era uma maneira interessante de comemorarmos os 250 anos.

Se era (risos)!

PERSPECTIVAS

_NOVA IORQUE

Localizada no nordeste do país, é a cidade mais populosa dos Estados Unidos e uma das cidades mais importantes e influentes do mundo, já que nela está localizado o principal centro financeiro mundial, bem como a sede da Organização das Nações Unidas. Apesar de seus problemas, Nova Iorque continua a ser considerada uma das cidades mais interessantes e fascinantes dos Estados Unidos - se não do mundo - por muitas pessoas, atraindo mais turistas do que qualquer outra cidade americana.

_MIXOLOGISTA

Um Mixologista é um bartender que pratica a arte de fazer excepcionais coquetéis e bebidas alcoólicas. Não se trata apenas de “misturas”, mas estão sujeitos às outras modalidades de criação única e técnicas que aperfeiçoam ou descobrem. Um Mixologista cria novas bebidas bem como tenta melhorar as existentes.



Presidente da Câmara de Oeiras, Dr. Isaltino Morais a abrir a sessão

OEIRAS THE BEST PLACE TO WORK_

_ No passado dia 5 de Março, ocorreu no restaurante Rio's, em pleno Porto de Recreio, a entrega dos prémios às Melhores empresas para trabalhar em Portugal pelo media partner do Great Place to Work Institute Portugal. Oeiras saiu vencedor ao ser considerado o melhor concelho para se trabalhar

texto por CARLA ROCHA _ fotos de ALBÉRICO ALVES

Antes ser revelado quais as 30 melhores empresas para se trabalhar, Oeiras entrou a ganhar com o prémio de Melhor Concelho para se trabalhar. Nesta que foi a terceira edição efectuada pela entidade acima citada e que avalia organizações em mais de 40 países, houve uma nova categoria, a de melhor concelho para se trabalhar que Oeiras arrecadou o prémio em detrimento de Lisboa, seu concorrente directo. Sandrine Lage, sócia-fundadora da Sperantia, que representa o Great Place to Work em Portugal, justificou o prémio afirmando. «Durante o processo de avaliação das empresas e dos níveis de maior satisfação dos trabalhadores, apercebemo-nos de que a maior parte das melhores empresas se situam em Oeiras e achámos importante salientar esse facto. Das 30 melhores empresas para se trabalhar em Portugal, 12 estão sedeadas em Portugal». O Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, José Vieiras da Silva, entregou o galardão ao Isaltino Morais, presidente da Câmara Municipal de Oeiras que afirmou com orgulho. «Um galardão desta natureza obtêm-se ao fim de muitos anos de trabalho, devidamente sustentado, planeado, com objectivos bem definidos». E no discurso que antecedeu a entrega de prémios, Isaltino parecendo que antevia o resultado, afirmou: «É, de facto, uma honra termos aqui reunidas as melhores empresas a nível nacional para trabalhar, entre as quais muitas escolheram o concelho de Oeiras para desenvolver a sua actividade e, dessa forma, contribuírem para o desenvolvimento e projecção que logramos alcançar».

Os galardões a atribuir foram as 30 Melhores Empresas para Trabalhar, a Melhor Empresa para Trabalhar para Executivos, a Melhor Empresa com Práticas de Responsabilidade Social, a Melhor Empresa com Formação e Liderança para a Sustentabilidade, Melhor Empresa para Trabalhar para Jovens e a Melhor Empresa para Trabalhar para Mulheres. A Microsoft Portugal foi a grande vencedora da noite com dois prémios acumulados, o de Melhor Empresa para Trabalhar reunido ao de Formação e Liderança para a Sustentabilidade.



Presidente da Câmara de Oeiras, Dr. Isaltino Morais recebe o diploma das mãos do Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, José Vieiras da Silva.

1.º CLASSIFICADO
MELHOR EMPRESA PARA TRABALHAR +MELHOR EMPRESA DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE.

MSFT, SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES LDA
Actividade: Tecnologias de Informação/Software
Receitas: 222,2 milhões de euros
N.º Colaboradores: 296
Horas de Formação anual colaborador: +80
Saídas Voluntárias: 4
Saídas Involuntárias: 6
Mulheres em Cargos de Direcção: 4
Candidatos a emprego: +5000
Net: www.microsoft.com / www.microsoft.pt

COMENTÁRIO GENÉRICO:
Elevado nível de intensidade nos comentários, que se reflecte no orgulho dos colaboradores
Diversidade de exemplos concretos de benefícios disponíveis e grande enfoque na gestão pessoal do tempo e conciliação vida pessoal/profissional.

PERSPECTIVA DOS COLABORADORES (PONTOS MAIS POSITIVOS):
→ Ausência de discriminação (raça, sexo, orientação sexual, portadores de deficiência)
→ Orgulho no contributo para a comunidade
→ Orgulho em trabalhar na empresa
→ Responsabilidade Social
→ Acolhimento
→ Disponibilidade de equipamentos e recursos

2.º CLASSIFICADO
MELHOR EMPRESA PARA TRABALHAR

CISCO SYSTEMS PORTUGAL
Actividade: Sistemas Informáticos
Receitas: 105 Milhões Euros
N.º Colaboradores: 135
Média Salarial 1.º ano função: 80,000 euros
Horas de Formação anual colaborador: 40
Saídas Voluntárias: 3
Saídas Involuntárias: 3
Mulheres em Cargos de Direcção: 0
Candidatos a emprego: 1100
Net: www.cisco.pt

COMENTÁRIO GENÉRICO
É de destacar a preocupação com o colaborador em termos da flexibilidade de horários e disponibilização de ferramentas que permitem a autogestão do trabalho. São ainda salientados os benefícios especiais e a actuação ao nível da responsabilidade social

PERSPECTIVA DOS COLABORADORES (PONTOS MAIS POSITIVOS)
→ Local de trabalho fisicamente seguro
→ Disponibilidade de equipamentos e recursos
→ Orgulho no contributo para a comunidade
→ Instalações contribuem para o bom ambiente de trabalho
→ Ausência de discriminação (raça, sexo, orientação sexual, portadores de deficiência)

OUTROS PRÉMIOS
A MELHOR EMPRESA PARA TRABALHAR PARA EXECUTIVOS

GMS – BUSINESS & IT CONSULTING

Actividade: Serviços/Consultoria Gestão e de Sistemas de Informação
Receitas: 10,3 milhões de euros
N.º Colaboradores 109
Média Salarial 1.º ano função: 18,000 euros
Horas de Formação anual colaborador: 94
Saídas Voluntárias: 39
Saídas Involuntárias: 0
Mulheres em Cargos de Direcção: 7
Candidatos a emprego: 2600
Net: www.gms.pt

RESPONSABILIDADE SOCIAL

ACCENTURE, CONSULTORES DE GESTÃO, SA

Actividade: Consultoria/ Avaliação de Risco
Receitas: 109 milhões de euros
N.º Colaboradores: 1128
Média Salarial 1.º ano função: 17,500 euros
Horas de Formação anual colaborador: 90
Saídas Voluntárias: 115
Saídas Involuntárias: 37
Mulheres em Cargos de Direcção: 3
Candidatos a emprego: 6500
Net: www.accenture.com

A MELHOR EMPRESA PARA JOVENS

EVERIS PORTUGAL

Actividade: Tecnologias de Informação/Consultoria
Receitas: 8,5 milhões de euros
N.º Colaboradores: 154
Média Salarial 1.º ano função: 17,150 euros
Horas de Formação anual colaborador: 68
Saídas Voluntárias: 23
Saídas Involuntárias: 4
Mulheres em Cargos de Direcção: 0
Candidatos a emprego: 2816
Net: www.everis.com / www.everis.pt

GREAT PLACE TO WORK INSTITUTE, INC.

O Great Place to Work Institute, Inc. é uma empresa de research, especializada em ambientes de trabalho, especializada em ambientes de trabalho sedeados nos EUA. Este instituto leva a cabo a pesquisa das melhores empresas para trabalhar em 41 países, o que torna este estudo de ambientes de trabalho, o maior a nível mundial. Mais de 4000 companhias participam, neste estudo, anualmente, em todo o mundo. Portugal foi o primeiro país da Europa a publicar o Ranking das melhores empresas a trabalhar em 2000 e há nove anos que este estudo é publicado no nosso país. Este ano foram convidadas mais de 2000 empresas e mais de 200 qualificaram-se para a inclusão na lista final.

3.º CLASSIFICADO
MELHOR EMPRESA +MELHOR EMPRESA PARA TRABALHAR PARA AS MULHERES

LIBERTY SEGUROS S.A.

Actividade: Banca e Seguros/Seguros Gerais
Receitas: 189,3 milhões de euros
N.º Colaboradores: 413
Média Salarial 1.º ano função: 26,500 euros
Horas de Formação anual colaborador: 124
Saídas Voluntárias: 11
Saídas Involuntárias: 9
Mulheres em Cargos de Direcção: 5
Candidatos a emprego: 5475
Net: www.libertyseguros.pt

COMENTÁRIO GENÉRICO
Os colaboradores demonstram um grande orgulho na empresa e salientam o humanismo por parte do CEO – a comunicação e disponibilidade, a promoção do equilíbrio vida pessoal/profissional, o ambiente de trabalho e a camaradagem entre colegas, bem como alguns benefícios especiais.

PERSPECTIVA DOS COLABORADORES (PONTOS MAIS POSITIVOS)

→ Gestão competente
→ Orgulho no contributo para a comunidade
→ Orgulho na actividade da empresa
→ Gestão ética e honesta
→ Responsabilidade Social
→ Orgulho em trabalhar na empresa

CLASSIFICAÇÃO

BEST PLACE

- 1.º LUGAR MICROSOFT Tecnologias de Informação
- 2.º LUGAR CISCO Tecnologias de Informação
- 3.º LUGAR LIBERTY SEGUROS Banca e Seguros
- 4.º LUGAR CUSHMAN & WAKEFIELD Mediação e Consultoria Imobiliária
- 5.º LUGAR DIAGEO PORTUGAL Comércio e Distribuição
- 6.º LUGAR EVERIS PORTUGAL Consultoria
- 7.º LUGAR PEPSICO/MATUTANO Comércio e Distribuição
- 8.º LUGAR MARS PORTUGAL Comércio e Distribuição
- 9.º LUGAR THOMSON REUTEURS Serviços e Comunicação
- 10.º LUGAR BMW PORTUGAL Comércio a Retalho
- 11.º LUGAR ACCENTURE Consultoria
- 12.º LUGAR PRIMEDRINKS Comércio e Distribuição
- 13.º LUGAR GMS CONSULTING Consultoria
- 14.º LUGAR JANSSEN-CILAG Farmacêutico
- 15.º LUGAR MEDTRONIC PORTUGAL Comércio a Retalho
- 16.º LUGAR ROFF Consultoria
- 17.º LUGAR PRICEWATERHOUSECOOPERS Consultoria
- 18.º LUGAR PT CONTACT (ÉVORA) Contact Center
- 19.º LUGAR SAS PORTUGAL Tecnologias de Informação
- 20.º LUGAR BRISTOL-MYERS SQUIBB Farmacêutico
- 21.º LUGAR DELOITTE Consultoria
- 22.º LUGAR HEWLETT PACKARD PORTUGAL Tecnologias de Informação
- 23.º LUGAR CADBURY Comércio e Distribuição
- 24.º LUGAR ATIVISM Serviços e Comunicação
- 25.º LUGAR BY COM Serviços e Comunicação
- 26.º LUGAR RE/MAX PORTUGAL Mediação Imobiliária
- 27.º LUGAR HUF Actividades Industriais
- 28.º LUGAR BARCLAYS BANK Banca e Seguros
- 29.º LUGAR BNP PARIBAS Banca e Seguros
- 30.º LUGAR JOSÉ JÚLIO JORDÃO Transformação e Produção

_ O Presidente da República, Cavaco Silva, encerrou em Oeiras no passado dia 14 de Fevereiro o seu 'Roteiro para a Juventude' incitando os jovens portugueses a acreditar nas suas capacidades perante a eventual dificuldade em conseguir emprego.

CAVACO SILVA INCITA JOVENS EMPREENDEDORES

Depois de recebido pelo presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Cavaco Silva visitou as instalações do Atelier de Instrumentos Musicais de Corda (AIMC) instalado na Quinta de Salles, em Outurela, freguesia de Carnaxide.

Ali, a comitiva foi recebida pelo Mestre Gilberto Grácio e por dois jovens artesãos, Hugo e António, que constituíram uma empresa vocacionada para a construção manual de guitarras e que foram apontados pelo Presidente da República como "dois bons exemplos de empreendedorismo individual".

Refira-se que na origem deste atelier, criado em 2006, esteve um curso de Construção de Instrumentos Musicais promovido pela Câmara Municipal de Oeiras.

O Chefe de Estado seguiu, depois, para a Fábrica da Pólvora de Barcarena, onde visitou as instalações do Centro de Experimentação Artística do Clube Português de Artes e Ideias e inaugurou a exposição multidisciplinar "Passear Contigo". No concelho de Oeiras, Cavaco Silva descreveu o seu 'Roteiro para a Juventude' como uma jornada dedicada a "acarinhar os empreendedores da arte e da cultura" e a destacar "bons exemplos".



Dr. Isaltino Afonso Morais,
presidente da Câmara Municipal
de Oeiras e Prof. Dr. António
Coutinho, presidente do Instituto
Gulbenkian Ciência.



_ Foi apresentado no passado dia 19 de Fevereiro, em Oeiras, o Programa de Bolsas Científicas – Professor Doutor António Xavier

OEIRAS PROMOVE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A Câmara Municipal volta a promover, este ano, o Programa de Bolsas Científicas – Professor Doutor António Xavier, investimento na ordem dos 66 mil euros que tem como objectivo captar e atrair profissionais qualificados, tanto nacionais como estrangeiros, no domínio da investigação científica.

São atribuídas, neste âmbito, a Bolsa de Excelência Científica, dirigida a cientistas visitantes de grande prestígio internacional, e uma Bolsa de Instalação para Jovens Cientistas – ‘Começar em Oeiras’, destinada a investigadores principais que pretendam instalar-se e criar um novo grupo de trabalho em instituições de investigação científica sediadas no concelho. Com o valor de 36 mil euros por ano, a Bolsa de Excelência Científica, financiada na sua totalidade pela Autarquia, será atribuída ao melhor candidato proposto pelas diversas instituições de investigação científica sediadas no concelho, entre as quais se destacam o IGC (Instituto Gulbenkian de Ciência), IBET (Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica), o ITQB (Instituto de Tecnologia Química e Biológica), a EAN (Estação Agronómica Nacional), a EFN (Estação Florestal Nacional), ISQ (Instituto de Soldadura e Qualidade) e o Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro (CIFC), entre outras.

A Bolsa de Instalação para Jovens Cientistas – ‘Começar em Oeiras’, no valor de 30 mil euros, destina-se a apoiar jovens cientistas, com menos de 40 anos, nacionais ou estrangeiros com formação universitária em Portugal, que pretendam instalar-se e criar um novo grupo de investigação numa das instituições de investigação científica situadas no concelho de Oeiras.

Este programa, que teve início em 2006/07, tem como designação o nome do Professor Doutor António Xavier com o objectivo de homenagear o cientista e o grande promotor do desenvolvimento da Investigação Científica em Portugal. A fundação do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB) em Oeiras que, juntamente com o Instituto Gulbenkian de Ciência, constituiu um dos primeiros quatro laboratórios associados do País, deve-se à sua iniciativa e empenho.

A cerimónia de apresentação do programa de bolsas para 2009 serviu também para entrega de diplomas aos bolsistas de anos anteriores.

Marcaram presença, na cerimónia, o presidente da Câmara Municipal, Isaltino Morais, o director do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), António Coutinho, o coordenador da Comissão Executiva do Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (IBET), Manuel Carrondo, e o vice-director do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB), Luís Paulo Rebelo.

Um espaço Lounge,
criado para que possam
usufruí-lo calmamente,
sem pressas

DOCELIMA



_ Doce é o despertar
com cheiro a pão quente.
Doce são as tertúlias
açucaradas.
Doce é o conjugar
do verbo espreguiçar.
Doces são todas as
emoções vividas e
partilhadas...

texto por CARLA ROCHA _ fotos de CARMO MONTANHA





GUIA

OEIRAS VERSÁTIL

É um espaço moderno, amplo e cheio de luz natural onde poderá tomar o seu pequeno-almoço enquanto folheia o jornal do dia, beber um café rápido, almoçar um saboroso mini-prato, lanchar ou simplesmente desfrutar de uma bebida ao fim da tarde enquanto lê um livro, navega na web ou conversa com amigos na zona lounge.

Além do serviço local de cafetaria & pastelaria, na Doce Lima pode também comprar pão para levar. De 3.ªfeira a 6.ª feira são servidos almoços, com sopa e mini-prato do dia.

O espaço disponibiliza ainda os serviços de cibercafé e internet wireless, além dos equipamentos de televisão e música ambiente. Há também jornais do dia e revistas ao dispôr, para se manter actualizado ou simplesmente distrair-se um pouco a ler.

Para assegurar o conforto e o bem-estar o espaço é climatizado e livre de fumo.

Para mais informações
www.cafetariadolima.com
 T. 214 218 350
 Rua Doutora Laura Ayres, 44B

Horário
 De terça_ sexta-feira das 07h30_ 20h00
 Sábado e domingo das 08h00_20h00
 Encerra às segundas

Dói-nos o espaço' foi o título que o arquitecto Luís Maria Baptista deu a um artigo, nesta mesma revista, e ao entrar na cafetaria Doce Lima deu-me vontade de dizer que 'Apetece comer o espaço'. Nuns tons frescos de verde alface misturada com branco, num espaço grande, mas todo ele pensado escurpulosamente, onde tudo parece apetecível, esta máxima ocupou meu pensamento. Inaugurado há sete meses, esta cafetaria em Porto Salvo, surge como um espaço único neste freguesia. Com uma localização pouco visi-

vel, vale a pena vasculhar Porto Salvo em busca da Doce Lima que fica no Bairro Auto Construção, perto do Mercado Municipal. Nela, encontra vários ambientes, desde um espaço Lounge, com uns sofás preguiçosos e um papel de parede que nos levam a viajar, ou um outro recanto especial para quem deseja repousar sem tempo ou simplesmente aceder ao seu computador, possuindo internet wireless e Cyber café para os que não possuem portátil, e, por fim, um espaço para todos os que apenas desejem ficar o tempo necessário para um café. Com uma posição geográfica Este - Oeste, o sol é um convidado

constante. Os proprietários, uma família sem experiencia no ramo, gerem este espaço como uma extensão dos seus gostos, das suas características intrínsecas e aos poucos as ofertas vão crescendo. Com calma mas certas. Para já, possuem o normal serviço de pastelaria e têm oferta de mini-pratos ao almoço, mas num futuro próximo, desejam ter uma oferta mais variada, tais como saladas e baguetes. Possuem bolos caseiros, pão caseiro, chás, sumos naturais, gelados e nem um espaço gourmet com mel, doces e biscoitos. O espaço não permite que se fume, mas a esplanada colmata essa proibição.

_BIOGRAFICAMENTE

_ AUGUSTO BARROS

Deveria ser um dia quente aquele 7 de Agosto em que Augusto Barros veio ao mundo. O mais provável é que tenha recebido o “viver” com algum distanciamento, sem chorar como todos, não porque não gostasse, mas porque nunca quis fazer o que todos faziam, nem ser o que todos seriam. Nascia assim, uma alma liberta de amarras.

texto por CARLA ROCHA _ fotos gentilmente cedidas pela família de Augusto Barros

Desde pequeno que o mar, as gaivotas lhe prendiam o olhar. Houve sempre nele qualquer coisa de contemplativo. Seus pais tinham um vizinho que era pintor. Talvez tenha vindo daí a sua iniciação, a sua propulsão para a pintura. Nunca se saberá, a verdade é que Augusto pintava desde os dez anos. Primeiro a medo, meio tímido, mas os anos deram-lhe força e determinação. Adolescente, corria para o Porto de Lisboa a ver os barcos passar. Sonhava ir para a América, lá do outro lado do Atlântico. Sabia que para se aventurar na Terra Prometida, teria de saber inglês. Aprendeu sozinho, entre os viajantes do Porto, entre livros e com a sua alma inquieta pelo meio. E de tal forma sabia esta nova língua, que quando a Rainha de Inglaterra veio a Portugal, Augusto foi um dos tradutores presentes na visita de sua Majestade Isabel II em 1957, tinha 29 anos. Foi por esta altura que conheceu aquela que viria a ser a sua única mulher, com quem casou pouco depois, Helena Ferreira, uma professora primária que conhecera na praia de Carcavelos. Na altura, já Augusto ganhava a vida como maquetista. Esta foi, talvez, a altura em que viveu uma vida mais normal, dentro dos parâmetros regulares. Mas queria libertar-se. Voar como as gaivotas de que

tanto gostava. Teve dois filhos, Carlos Augusto Ferreira e Virginia Maria Ferreira. Em 1961 Barros expõe pela primeira vez, em Lisboa, no SNI - Palácio da Foz. Dá o salto, lança-se e desnuda-se ao mundo das artes que o recebe com aplausos. Esta exposição mostra-se ser o bilhete para uma nova vida: ganha uma bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian para Hamburgo. Vai. O mundo reclama-o. Deixa sua família onde o amor é aquele em que se aceitam como são. Sem preconceitos. Sem subversões. Aquela mulher ama aquele homem que almeja conhecer o mundo. Aqueles filhos amam o pai que embora vá para longe estará sempre perto. E aquele homem vai, deixando quem ama, porque sabe que nunca se deixa quando vão dentro do peito. Na Alemanha trabalha com o mestre Hanns Thiemann (antigo discípulo de Paul Klee na Bauhaus). Fica na Alemanha sempre com a bolsa renovada, até 1962, altura em que expõe na galeria Commeter, Hamburgo. A Paris boémia, o centro das artes, o rebuliço da perfeita assunção da liberdade chamam por ele. A Paris que ele conhecia de soslaio exige-o. É no bairro de Paris St. Germain-des-Près que Augusto se sente em casa. Aí estabelece grandes amizades que durarão até ao final da vida tais como Poliakov, Man Ray, Alberto Magelli, Sonia Delaunay entre outros. Em 1969 a



família reclama-o. Ele vem e aguenta estoicamente uma semana. Depois, sentindo-se peixe fora de água, pega nos filhos e mulher lavando-os para Paris. Barros tem dificuldade em se dividir. Em dividir o seu espaço, em dividir a sua vida. O homem charmoso, boémio, bon-vivant, amigo do seu amigo, intenso, sedutor, alegre mas escorrito, separa-se de Helena em 1976. No entanto, a alma inquieta e sincera sempre, na ex-mulher, uma amiga, uma aliada. Entre lá e cá, entre Paris e Lisboa Barros expõe individualmente 24 vezes e participa em 38 exposições colectivas. Este homem viveu com serenidade a inconstância dos seus rendimentos. Era o verdadeiro sumo da vida que o exaltava.

Em dias de abundância, dava tudo, ia aos melhores restaurantes sempre com a mesma calma com que vivia os dias mais paupérrimos. Um dia, Barros encontra-se numa esplanada de St. Germain-des-Près e diz para si próprio: «Barrinhos, hoje só tens este café» e vindo do nada aparece a esvoaçar uma nota que cai exactamente na sua mesa. Era assim, com a sorte que sorri aos que são verdadeiros, que Augusto vai vivendo a sua vida. Nunca concebeu pintar por encomenda. Pintava quando o seu interior assim exigia. Da sua arte, dos seus quadros o crítico de arte Egídio Álvaro descreve assim: «A predilecção pelos cinzas, negros e azuis, a laceração real ou simulada dos objectos e das formas, o jogo das oblíquas cortando os ritmos verticais reforçam esse dramatismo, enquanto a riqueza da matéria, o granulado do papel, a sobreposição irregular das cores, abrem sobre uma dimensão de fascinante voluptuosidade. (...) Pintura de carícia e de violência, a pintura de Barros ora se estende em lentos movimentos de doçura, ora rasga a pele das coisas em súbitos e profundos sulcos», ao ler esta crítica de arte percebemos que também estamos perante, não só do artista mas também do homem. Aquele que dá vida àquela arte tão comunicativa. Barros muda a sua paleta para os cinza, é o próprio que afirma numa entrevista em 1984 «Durante a minha estada em Hamburgo a minha paleta modificou-se. A nostalgia e as próprias influências climáticas levaram-me a deixar as cores vivas e violentas e passar a utilizar os cinzentos.» Mas nem sempre assim será, porque Barros, quando os filhos fazem anos,

pinta quadros cheios de cor, vibrantes, que depois lhes oferece. Mostra de um amor maior, pleno, cheio de tudo, menos de presença porque essa, nem sempre é a melhor amiga do afecto. Gosta de pintar à noite e gosta sobretudo de o fazer com música clássica em alto som. Cede um pouco para o Jazz, mas nunca sai destes dois registos. De feitio especial, recusa falar quando se lhe impõe, faltando a entrevistas e programas televisivos, mas capaz de um dia inteiro a conversar com quem se lhe aparecesse à frente, bastando um clique, um assentimento interior.

Riccardo Barletta, crítico de arte italiano, escreve sobre Barros, aquando de uma exposição deste em Milão: «Recordam-se do fado? Esse tipo de canção Portuguesa que nasceu no século passado? Pois bem, na pintura de Barros está presente a mesma, intensa nostalgia e tristeza. Fado quer dizer destino. E assim o cinzento deste português, transplantado no coração da Europa, tem uma tristeza doce, por vezes sombria, ora mais vivaz, de perder-se para além da realidade. (...) A lógica de Barros requer uma visão longamente contemplante» e assim desnuda-se uma alma portuguesa. Desta feita, capta-se a magnitude da melancolia de Barros. No seu frenesim entre França e Portugal, Barros viveu, em meados dos anos 80's, em Porto Salvo, mantendo sempre uma relação com esta zona geográfica, não só pelo seu gosto pessoal, mas porque era aqui que residia a sua irmã e filha, Virgínia. Os quatro maços de Gauloise sem filtro diários, o vinho tinto e a cerveja debilitam a sua saúde. A sua vida boémia resgata-lhe a saúde. Volta para Portugal em definitivo no princípio dos anos 90's. No dia 9 de Fevereiro de 1998, Barros passa todo o dia a contar, ao pormenor, a sua vida à enfermeira que cuidava dele. No fim do dia, recebe o seu genro e pede-lhe que cuide bem da sua filha. Sabia que morreria em breve. Morre nessa madrugada. Ou quis morrer, que vai dar ao mesmo, porque já não era uma alma livre naquele corpo que definhava, aprisionando-o. Morre o homem que só conseguiu ser feliz quando livre. Que se alimentou da sua solidão. Que amou pouco, mas intensamente. Que se apaixonou perdidamente inúmeras vezes. Que pintava a sua própria melancolia, mas também a sua gana de ser feliz. Morreu o homem que foi um dos melhores gachistas que Portugal conheceu, um dos grandes pintores contemporâneos, mas, acima de tudo, um grande amigo do seu amigo, um ex-marido dedicado e um pai que amou profundamente a sua obra maior: os seus filhos.



QUADRO DE
AUGUSTO BARROS

“A sua pintura é um exercício de delectação que escapa às escolas e às teorias reinantes. Nem a monocromia considerada como uma ascese, nem a materialogia, que é um sucedâneo do barroquismo, não se encontram aqui com uma finalidade redutora, ainda que a arte de Barros participe, à sua maneira de um e de outro nos seus efeitos picturais. Talvez mais a segurança de um prazer de pintar que ultrapassa o problema de representação e dispensa a justificação, como se o artista não fosse mais penalizado, nem pelas suas origens, nem pela sua cultura, mas abandonado às únicas solicitações das emoções sentidas numa liberdade de expressão que acabam por atraí-lo. De modo que a pintura acaba por parecer-se com o homem que a fez. O homem fugidio, desencovamo-lo, finalmente, na sua arte”

JEAN - JACQUES LEVEQUE,
Le Monde, Paris 198

TESTEMUNHOS

SOBRE A SUA ARTE...

“A predilecção pelos cinzas, negros e azuis, a laceração real ou simulada dos objectos e das formas, o jogo das oblíquas cortando os ritmos verticais reforçam esse dramatismo, enquanto a riqueza da matéria, o granulado do papel, a sobreposição irregular das cores, abrem sobre uma dimensão de fascinante voluptuosidade. (...) Pintura de carícia e de violência, a pintura de Barros ora se estende em lentos movimentos de doçura, ora rasga a pele das coisas em súbitos e profundos sulcos”
Egídio Álvaro, Crítico de Arte



OEIRAS SOMOS TODOS **VAMOS CELEBRAR 250 ANOS**

O nosso concelho faz 250 anos e estamos todos de parabéns. Vamos comemorar o passado, o presente e o futuro ao longo de todo o ano, com inúmeros espectáculos e exposições, feiras e festivais.

www.oeiras250anos.com



OEIRAS SOMOS TODOS



OEIRAS MULTICULTURAL | OEIRAS POMBALINA | OEIRAS INOVADORA | OEIRAS À DESCOBERTA